



ACESSE:

www.jornaldeletras.com.br

Diálogo imortal

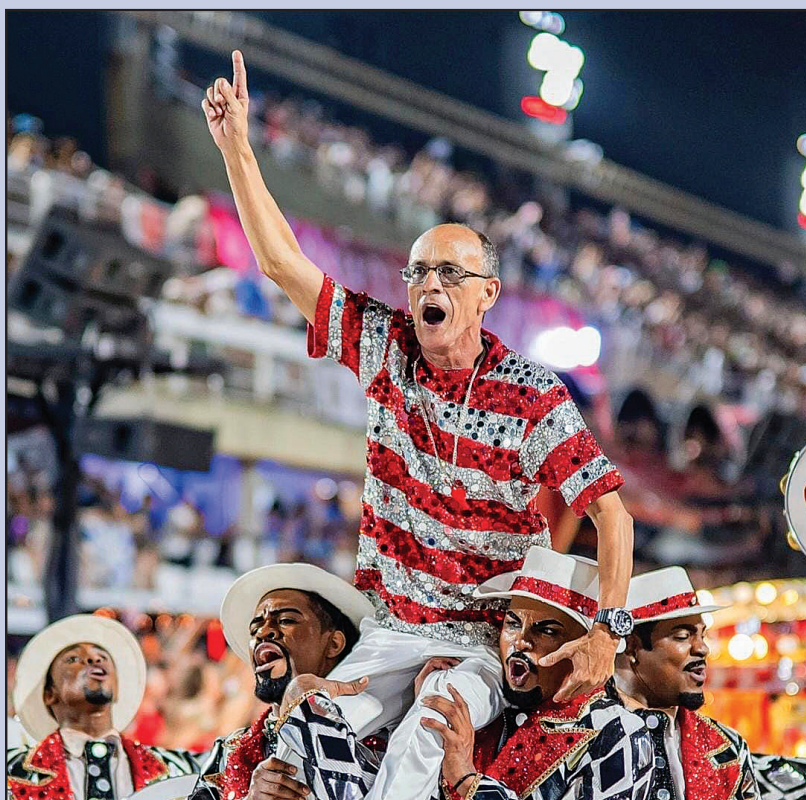
Reunindo 55 textos escritos entre 1984 e 2024, selecionados a partir de citações do Bruxo do Cosme Velho, o diálogo proposto pelo professor, pedagogo, filósofo, jornalista e segundo decano da ABL Arnaldo Niskier não se limita a revisitar Machado; ele o projeta para adiante. *Arnaldo Niskier e Machado de Assis – Diálogos* é, assim, um encontro de gigantes da inteligência brasileira. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)



Editorial

Neste número resolvemos homenagear duas personalidades separadas por muitos anos de distância: Machado de Assis e Arnaldo Niskier. Ambos foram úteis à causa da educação, a que serviram escrevendo livros de extrema utilidade. Machado como o maior dos nossos escritores. Quem não leu, com imenso prazer, a obra do Bruxo do Cosme Velho? Só o *D. Casmurro* não compensa uma leitura cuidadosa? Ambos têm o seu destino ligado à Academia Brasileira de Letras, Machado como o seu primeiro presidente e Niskier como o seu segundo decano, nos dias atuais. É uma glória repartida entre os dois.

O Editor



A Unidos do Viradouro sagrou-se campeã do Carnaval do Rio de Janeiro de 2026, conquistando seu quarto título com o enredo "Pra Cima, Ciza!". A escola de Niterói encantou a Sapucaí ao homenagear a trajetória do lendário Mestre Ciza, celebrando sua liderança na bateria "Furacão Vermelho e Branco" e sua importância histórica para o samba em um desfile marcado por emoção, técnica e reconhecimento em vida a um dos maiores mestres do ritmo brasileiro.

Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier

Editores-adjuntos: Beth Almeida

Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman

Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).

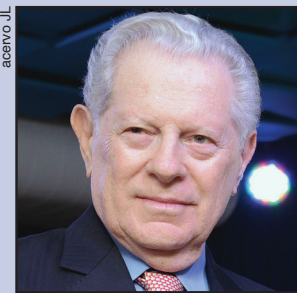
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.

Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

Opinião Arnaldo Niskier



Um novo planetário

Antes de construir o planetário da Gávea, por mim inaugurado em 1970, só existia um modelo pequeno e limitado na Escola Naval. Consegui do então ministro Tarso Dutra o modelo Zeiss-Jena, por doação, que custava 250 mil dólares, e o equipamento chegou ao Rio e foi recebido em grande estilo, sendo armazenado no Maracanã, para que as obras tivessem curso e fosse possível a sua inauguração.

Até que se localizasse na Gávea, foram pensados diversos locais, inclusive o Aterro do Flamengo. Mas lembro bem da preocupação do governador Negrão de Lima: "É um local de muito movimento de carros. Pode ser perigoso para as crianças." Acabei optando pelo Parque Proletário da Gávea, onde havia uma grande favela, que foi removida. Os seus moradores foram morar em Bonsucesso, com todo conforto possível.

A História desse equipamento é curiosa. Ele estava destinado ao Rio Grande do Sul, terra do ministro. Quando eu soube disso, ao encontrar o chefe de gabinete de Tarso Dutra, na casa do acadêmico Josué Montello, que se despedia para ir servir em Paris, como adido cultural, tive uma conversa objetiva: "Dr. Favorino, o ministro está mandando dois planetários para a terra dele, em troca de café (dólar convênio). Isso pega muito mal. Basta um. Diga a ele para mandar o outro para o Rio de Janeiro." Ele topou a parada e mandou o segundo equipamento desembarcar no Rio (ele já estava no navio).

O Planetário foi inaugurado num dia 19 de novembro. Por que essa data? Era o dia do aniversário do filho do ministro Jarbas Passarinho, que sugeriu essa homenagem. No dia da inauguração, ele compareceu e foi devidamente homenageado. Mande reproduzir o céu do dia do nascimento de Jarbas Passarinho em Xapuri, no Acre. Ao meu lado, quando viu isso, o ministro me cutucou e disse: "Você quer me matar do coração!" A homenagem estava feita.

Hoje, o Planetário é uma realidade. Serve a milhares de estudantes do Rio. Agora, por iniciativa da Shell do Brasil, com apoio nas leis de incentivo cultural, o equipamento será modernizado, com uma ampla reforma. É um investimento de 30 milhões de reais e o Rio ganhará o Planetário mais atualizado do país. Merece!

"Para cada minuto que você se passa com raiva você perde sessenta segundos de felicidade."

Ralph Emerson

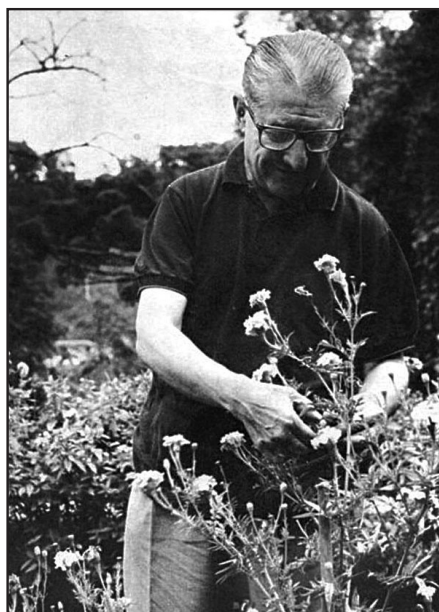
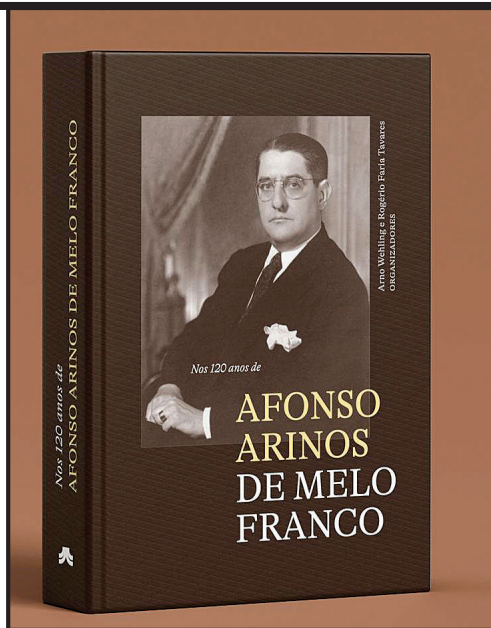
Afonso Arinos de Melo Franco, estadista da Cultura

Por Rogério Faria Tavares*

Com sessões de lançamento previstas para o começo de abril no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Brasília e em Belo Horizonte, *Nos 120 anos de Afonso Arinos de Melo Franco* reúne dezessete ensaios sobre o mineiro nascido em Belo Horizonte, em 27 de novembro de 1905, filho de Afrânio de Melo Franco e de Sylvia Alvim de Melo Franco. Concebida para assinalar o importante aniversário, a edição do livro foi viabilizada graças à sensibilidade e à visão do competente Alexandre Machado, da Editora Miguilim. O volume mereceu caprichada edição em capa dura preparada por Leonardo Mordente e por Gabriela Abdalla e traz várias fotos de diferentes momentos da vida de Afonso, gentilmente cedidas pela família. Logo na abertura, os leitores encontram dois poemas escritos em homenagem a ele, há meio século: *Afonso Arinos, Setentão*, de Carlos Drummond de Andrade, e *Canto para Afonso Arinos de Melo Franco*, de Alphonsus de Guimaraens Filho.

No texto de apresentação, o professor Arno Wehling e eu – na qualidade de organizadores – destacamos que a obra de Arinos precisa ser mais difundida entre as novas gerações e fazemos menção ao extenso e multifacetado *corpus* de que está composta. Chamado por seu amigo Pedro Nava de “poliedro humano”, Afonso Arinos produziu conhecimento altamente qualificado em áreas tão distintas quanto o Direito Constitucional, a Crítica Literária, o Memorialismo e a Ciência Política, o que acabou conferindo notável amplitude temática à publicação. Além dos textos analíticos, ela conta ainda com quatro preciosos depoimentos, de natureza mais pessoal: o do presidente Sarney, que relata sua convivência com Afonso, desde os tempos em que foram colegas no Congresso Nacional, ainda no Rio; o do professor Joaquim Falcão, que relembra a trajetória da famosa “Comissão Arinos”, incumbida de preparar um projeto de Constituição para o Brasil em redemocratização; o do jurista Bernardo Cabral, relator da Assembleia Nacional Constituinte, que trabalhou lado a lado com Afonso, então presidente da Comissão de Sistematização, e, finalmente, o de Cesário Melo Franco, que recorda casos e situações inesquecíveis vividas na íntima e diária convivência com o avô.

Airton Seelaender Cerqueira Leite estuda a contribuição de Afonso Arinos ao Direito Constitucional; Ângelo Oswaldo de Araújo Santos escreve sobre a relação entre ele e Minas Gerais, em trabalho que menciona o memorável discurso de recepção a Tancredo Neves, na Academia Mineira de Letras; o foco de Antônio Celso Alves Pereira está na carreira docente de Afonso, de que foi aluno; o de Arno Wehling reside sobre o que ele pensou no campo da História das Ideias. Já a historiadora Aspásia Camargo, que trabalhou com Afonso na Fundação Getúlio Vargas, desenha sua trajetória na política nacional, especialmente no parlamento (onde foi deputado federal por quatro vezes e senador por duas). Cabe



Afonso Arinos de Melo Franco, uma das vozes marcantes do pensamento público brasileiro, em dois momentos de sua vida.

sempre lembrar que Afonso Arinos foi o autor da *Lei Afonso Arinos*, de 1951, o primeiro diploma legal antirracista da República.

Christian Lynch dissecou o pensamento político de Arinos, detalhando como suas reflexões foram evoluindo ao longo dos anos; Cláudio Aguiar examina as biografias de sua lavra, com destaque para a que escreveu sobre o pai, *Um Estadista da República – Afrânio de Melo Franco e seu tempo*, lançada em três volumes, em 1955. Domício Proença Filho se detém sobre a crítica literária de Afonso, com ênfase nos livros *Espelho de Três Faces*, de 1937, *Mar de Sargaços*, de 1944, *Alguns Aspectos de la Literatura Brasileira*, de 1945, e *Portulano*, também de 1945; Edmar Bacha avalia a história econômica do Brasil vista pelas lentes de Afonso Arinos, sobretudo em *Síntese da História Econômica do Brasil*, de 1938, *Desenvolvimento da Civilização Material no Brasil*, de 1944, e *História do Banco do Brasil*, de 1947.

O embaixador Rubens Ricúpero assina o ensaio sobre a passagem de Arinos pelo Ministério das Relações Exteriores, no governo de Jânio Quadros, quando foi um dos idealizadores da chamada “política externa independente”. Ricúpero foi seu oficial de gabinete. O diplomata Luiz Feldman empreende minuciosa análise da atuação de Afonso Arinos como titular da representação brasileira junto à Assembleia Geral das Nações Unidas. Sydney Sanches mostra como ele se integrou à vida associativa, por meio de ativa participação na Academia Brasileira de Letras, onde sucedeu a José Lins do Rego, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Instituto dos Advogados Brasileiros e na Academia Mineira de Letras, onde sucedeu a Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Escrevi sobre o Afonso Arinos memorialista. Para tanto, mergulhei nos cinco tomos de memórias que ele legou à cultura brasileira: *A Alma do Tempo (Formação e Mocidade)*, *A Escalada*, *Planalto*, *Alto Mar-maralto* e *Diário de Bolso*. Neles, o autor medita sobre sua vida pública, mas também abre espaço para digressões de caráter pessoal, partilhando suas visões sobre a família e, corajosamente, abordando temas que alguns classificariam como incômodos, como os relacionados à própria saúde.

Personalidade incontornável para quem pretende entender a história do país, sobretudo entre 1930 e 1988, Afonso Arinos de Melo Franco foi caso raro de intelectual de alta performance que atuou na política. Sua paixão pela Cultura, no entanto, foi a mais forte e a que o acompanhou durante toda a sua trajetória, um testemunho eloquente de amor às artes, em especial à literatura. Potente, seu legado permanece vivo e aceso. Que os leitores percorram as páginas desse livro com o mesmo prazer que tivemos ao organizá-lo.

*Rogério Faria Tavares é jornalista, doutor em Literatura e presidente emérito da Academia Mineira de Letras.

Breves

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

● **LEITURAS NO CENTRO** é o mais novo projeto do Instituto “Caminhos da Palavra”. Em parceria com o “Espaço Afluentes”, pretendem formar agentes de leitura que farão intervenções poéticas, contações de histórias, saraus e outras atividades em escolas, empresas e espaços públicos da região central carioca.

● **AOS 90 ANOS**, MYRIAM DAUELSBERG revisita sua história e a da Dellarte, uma das principais empresas dedicadas à difusão das artes no país. O resultado está na obra *Atrás do Palco*, da Editora Rebento.

MEU NOME É FRANCISCA (Ed. José Olympio), de Mary del Priore, reconta a história de Chica da Silva, escrava que se tornou a mulher mais rica do Brasil ao herdar uma fortuna do marido, pai de seus 13 filhos.

● **FOTÓGRAFO E PSICÓLOGO**, MARCELO CELESTE explora, em *Tempo Possível* (Independente), o tempo cíclico e o distanciamento da vida natural.

● **MARIA BETHÂNIA, PRIMEIROS ANOS** (Ed. Letra e Voz), resultado da dissertação de mestrado na USP de Paulo Henrique Moura, analisa o início da trajetória profissional da cantora baiana.

● **EM COMO SEI O QUE SEI** (Ed. Academia), a jornalista e escritora Petria Chaves entrevista grandes nomes da neurociência, psicanálise e arte para investigar o que é a intuição e como ela pode nos orientar em tempos de incerteza.

● **MENTES BRILHANTES NÃO PENSAM IGUAL** (Ed. Record), organizado por Marcelo Gleiser e traduzido por Alexandre Cherman, discute questões como o uso de celulares, inteligência artificial, espiritualidade, ciborgues e o ser humano, entre outras.

● **A PASSAGEM DA ESCRITORA FRANCESA** Jane Catulle Mendés em plena Belle Époque

carioca é recuperada em detalhes no livro *A Poeta da Cidade Maravilhosa* (Ed. Autêntica), do jornalista Rafael Sento Sé.

● **MINHAS QUERIDAS E OUTRAS CARTAS** (Ed. Rocco) reúnem dezenas de cartas escritas por Clarice Lispector para as irmãs Tânia e Elisa, entre 1940 e 1957, e para os filhos Pedro e Paulo, entre 1969 e 1970.

● **O ÚLTIMO VAN GOGH** (Ed. Globo), de Edney Silvestre, combina suspense, crime e poesia, tendo como pano de fundo a invisibilidade social, o desejo, a ambição e a arte como redenção.

● **FRAGMENTOS DE FANTASIAS, RASURAS FICCIONAIS** (Ed. UFRJ), de Leonardo Bora, apresenta relações entre os estudos literários e os saberes do carnaval.

● **UMA ROSA PRO INFINITO** (Ed. Caju), homenagem de João Vitor Araújo e Jorge Silveira à carnavalesca Rosa Magalhães, integra a coleção “Dobras da Folia”, série de livros sobre o Carnaval carioca.

● **A ESCRITORA E LÍDER COMUNITÁRIA** ROSEMARY DE SOUSA FERREIRA, conhecida como D. Rosinha, lançou seu primeiro livro, aos 66 anos: *Memórias do Meu Quilombo* (Ed. Pallas) reúne 16 narrativas curtas tecidas a partir de vivências no Quilombo Morro Santo Antônio, em Itabira (MG).

● **QUE BICHO VOCÊ VÊ?** (Ed. Ambayba), fotolivro de Patrícia Capella e Sergio Zallis, trabalha a pareidolia – a percepção de faces e lugares inesperados.

● **EM PULSARES** (Ed. Lentes), Nelson Job apresenta sua “neoficção científica tropicalista”, tendo o Brasil como pano de fundo.

● **HISTÓRIAS DA AMÉRICA LATINA EM 100 FOTOS** (Ed. Bazar do Tempo), de Paulo Antonio Paranaguá, ilumina os bastidores da fotografia em um continente em ebulição.

Humor

Por Jonas Rabinovitch

jonasrabinovitch@gmail.com

FORMIGAMENTO FILOSÓFICO



● **TÊNEBRA 2** (Ed. Fósforo), obra organizada por Júlio França e Oscar Nestarez, retira o terror brasileiro das sombras, reunindo 38 histórias do gênero escritas por grandes nomes da literatura brasileira, como Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Mário de Andrade, Lima Barreto, entre outros.

● **SANGUE E RUÍNAS: A ÚLTIMA GUERRA IMPERIAL 1931-1945** (Companhia das Letras), escrito pelo renomado historiador britânico Richard Overy, defende que a Segunda Guerra Mundial começou em 1931, com as conquistas japonesas na China – e não com a invasão alemã à Polônia.

● **A BIBLIOTECA DO CENSOR DE LIVROS** (Ed. Instante), de Bothayana Al-Essa, faz uma reflexão sobre a censura que tem sido imposta a livros, autores e leitores.

● **O CINEMA DE WALTER HUGO KHOURI** (Ed. Cosac), de Donny Correia, faz um estudo crítico sobre a obra do cineasta paulista, incluindo filmografia com fichas técnicas, sinopses, reprodução de pôsteres e fotogramas.

● **A HORA MÁGICA** (Ed. Patuá), de Carlos Messias, constrói habilmente a história de um psiquiatra que sofre de transtorno depressivo.

● **MORRENDO DE RIR** (Ed. Arquipélago), de Elvira

Vigna, tratando de memórias de infância a crises políticas, mostra o poder da concisão e do lirismo para lidar com os atropelos e as glórias do Brasil.

● **NÃO JOGUE FORA UM HOMEM BOM DESSES** (Ed. Faria e Silva), de Ana Emília Cardoso, faz uma radiografia bem-humorada dos sentimentos por trás de um divórcio.

● **OS TRABALHOS E OS DIAS DO KIM (A JUVENTUDE COMUNISTA ALEMÃ)**, escrita em 1929 por Olga Benário, teve a edição organizada pela filha Anita Leocádia Prestes, com a ajuda do saudoso cineasta Silvio Tendler.

● **ANJOS** (Ed. FTD), coletânea de poemas de Roseana Murray, com ilustrações de Fayga Ostrower, evoca os anjos que habitam a memória, a natureza e o cotidiano.

● **CRUZANDO A LEVEZA DA INFÂNCIA** com diversos temas atuais, Manoela Queiroz Bacelar e Fernando França lançaram *12 Coisas Que a Criança Sabe Que Existem* (Ed. Armazém da Cultura).

● **CONVERSA INFINITA** (Ed. Quina) é o resultado de anos de pesquisa do psicanalista argentino Mariano Horenstein, entrevistando artistas e intelectuais, tendo como tema a mesma questão: como foi sua experiência com a psicanálise.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Díálogo

“A jovem disse ao noivo: não quero **lhe** falar sobre o que acho de Copa do Mundo.”

Duvido que o rapaz vá querer falar com ela. Cuidado! Apesar de muito popularizada esta construção está errada. Nas locuções verbais em que o verbo principal estiver no infinitivo (**falar**) ou no gerúndio (**falando**) precedido de partícula atrativa (**não**), o pronome (**lhe**) deve ser colocado antes do verbo auxiliar (**quero**) ou depois do verbo principal, mas jamais entre ambos.

O correto é: “... **não** **lhe** quero falar sobre o que acho de Copa do Mundo ou não quero **falar-lhe** sobre o que acho de Copa do Mundo.”



Nenhum nem outro

“Alexandre disse que não daria nenhum centavo a mais no ingresso do filme.”

Nem poderia, escrevendo dessa forma. **Nenhum** opõe-se a **algum** (pronome indefinido) e está empregado de forma indevida. O correto é **nem um**, que se opõe a **um**, **dois** (numerais).

Frase correta: “Alexandre disse que não daria **nem um** centavo a mais no ingresso do filme.”

Fora o gerundismo!

“Estaremos realizando o grande evento da Copa do Mundo Feminina muito em breve.”

O uso do verbo estar seguido de verbo no gerúndio é uma tendência que tomou conta da linguagem do nosso dia a dia. Um modismo infeliz! Precisa-se acabar com essa mania. Use a nossa língua corretamente.

Período recomendado: “**Realizaremos** o grande evento da Copa do Mundo Feminina muito em breve.”

Contando

“A cerca de 3 anos Jaqueline conheceu o namorado e, desde então, vive feliz.”

Duvido! Ela está empregando de forma errônea a expressão. O correto,

nesse caso, é a expressão **há cerca de**. Veja:

A cerca de – espaço aproximado de tempo (que ainda não passou) ou distância aproximada.

Há cerca de – espaço aproximado de tempo (que já passou) ou quantidade aproximada.

Período correto: “**Há cerca de** 3 anos Jaqueline conheceu o namorado e, desde então, vive feliz.”



Moto veloz

“O motoqueiro esterçou sua moto entre o corredor de carros com extrema perícia.”

Perfeito! Embora desconhecido da maior parte da população, o verbo **esterçar** existe, e significa manear o volante para a esquerda e a direita.

Intervenção

“A tia entrevistou na discussão entre os sobrinhos.”

Aposto como a discussão continuou. O verbo **entrevistar** segue a mesma conjugação do verbo **vir** no **pretérito perfeito do indicativo**: eu vim/ tu vieste/ ele veio/ nós viemos/ vós viestes/ eles vieram.

Frase correta: “A tia **interveio** na discussão entre os sobrinhos.”

Arreando

“Eleonora arriou do cavalo defronte à escola enquanto a bandeira nacional era arreada do mastro.”

Dessa forma não dá para entender nada! Veja:

Use **arrear** quando quiser dizer que irá colocar arreios ou enfeites em.

Use **arriar** quando quiser obter os seguintes significados: baixar, colocar no chão, descer, desanimar, perder as forças.

Frase correta: “Eleonora **arreeu** do cavalo defronte à escola enquanto a bandeira nacional era arriada do mastro.”

Vieram de longe

“Eles vem de Salvador, para conhecer o Rio de Janeiro.”

Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir etc.).

Período correto: “Eles **vêm** de Salvador, para conhecer o Rio de Janeiro.”

Desaprovado

“A diretora não aprovou os livros anti-pedagógicos.”

Nem poderia! Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por consoante diferente de **r** ou **s**.

Período correto: “A diretora não aprovou os livros **antipedagógicos**.”

João Ubaldo e a ânsia de ler

Por Getúlio Marcos Pereira Neves*

Dia desses reli a crônica *Memórias de Livros*, de João Ubaldo Ribeiro. Texto muito conhecido e apreciado, um preito de amor e de saudades de casa durante os tempos em que viveu em Berlim, dizem os entendidos no saudoso acadêmico. João Ubaldo desfia meninices e mistura relatos da sua rica iniciação como leitor a reminiscências dos pais e avós. Dessa última leitura do texto, outro aspecto chamou-me a atenção: o sentimento de saudável ansiedade que a leitura pode despertar: O que vai acontecer? Como acabará essa história?

Afinal, é assim que os leitores nos sentimos. João Ubaldo relembra leituras de infância, Karl May, Edgar Rice Burroughs, Robert Louis Stevenson, Jonathan Swift, vivendo ainda cercado, via avó Amália, por Emilio Salgari, Alexandre Dumas, Walter Scott e Arsène Lupin. Deixa-nos transparecer a satisfação vinda do ato de ler, na lenta descoberta da trama e do enredo, que se descortinam à medida que avançamos nas páginas. De certa forma, o mesmo sentimento do pesquisador, do leitor de fontes históricas, que se depara com informação que acrescenta ao seu propósito ou lhe abra um novo caminho, prospectivo ou interpretativo. É a satisfação da descoberta.

Mas embutido na sensação de paulatina descoberta vivemos um outro sentimento: a ansiedade da espera. Exatamente pelo que vem pela frente, pelo

que vai acontecer depois, pelo que iremos descobrir. À medida que lemos vamos descortinando o mundo “camuflado” nas páginas que temos em mãos, sejam páginas de romance, sejam de manuscritos antigos. Agora suponhamos que, lamentavelmente, não temos em mãos o livro que queremos ler; pior, que procuramos há tempos e não damos sorte de encontrar. Nem pela internet, nas livrarias best-sellers, nem nos sebos virtuais e outros quejandos.

Presenciei esse tipo de angústia, específica, porque de natureza intelectual, na minha filha adolescente: me fez percorrer várias livrarias do Rio de Janeiro atrás de um título misterioso sobre domar dragões, creio eu que no sentido figurado. Até que na última que visitamos a livreira comentou que tinha em casa o tal título e acrescentou que, de fato, é muito difícil de achar. Pensei em lhe fazer uma proposta pelo exemplar, mas antes disso se prontificou a encomendar na editora, ou através de caminhos misteriosos que os livreiros conhecem, e ainda bem que continuam a existir (os livreiros, não os tais caminhos), até mesmo por isso.

Não sei se a ansiedade era traço de caráter de João Ubaldo Ribeiro tanto quanto a erudição o era. Quanto à formação leitora da minha filha, creio que a abordagem severa do pai do nosso autor não é a mais indicada à personalidade dela; o que faço é procurar mesclar nas leituras que escolho indicações de clássicos, o *Dom Quixote* ou, ultimamente, as adaptações da *Iliada* e da *Odisseia* pelo excelente tradutor Frederico Lourenço (Claro Enigma). Leitora iniciante de Agatha Christie (hábito adquirido com a mãe), foi graças à mesada da avó que naquela excursão pelas livrarias cometeu sua, talvez, maior aventura livresca até hoje: adquirir num sebo do centro da cidade vários títulos de uma coleção da autora inglesa. Talvez uma reminiscência que no futuro inspire a ela a sua própria *Memórias de Livros*.

*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.

Hamnet ou Hamlet, eis a questão

Por Vera Lúcia de Oliveira*

O pai não era bem uma flor que se cheirasse; a mulher era meio bruxa, vivia noutro mundo, e ele também não era exatamente deste; mas o filho era seu tesouro. Estamos falando de William Shakespeare, o bardo, o maior de todos os dramaturgos da nossa era. O autor das tragédias e dos mais belos e perfeitos sonetos que, agora, em vez de autor, vem como personagem de *Hamnet – Um romance sobre o luto, a peste e uma das maiores peças de todos os tempos*, de Maggie O'Farrell, de 2020, (RJ: Intrínseca, 2021), premiada autora nascida na Irlanda do Norte em 1972.

É sobre o filho Hamnet que a O'Farrell dirige o seu olhar. O filho do imenso autor que morreu aos onze anos de idade, vítima da peste bubônica, em Stratford, Warwickshire, Inglaterra, no verão de 1596. “Tentei, quanto possível, me ater aos escassos fatos históricos conhecidos sobre o Hamnet verdadeiro e sua família, mas uns poucos detalhes – nomes, sobretudo – foram alterados ou omitidos”, diz em nota a autora. Assim sendo, tomou inteira liberdade para nos contar a vida do pequeno Hamnet, cujo nome inspiraria poucos anos depois o pai a escrever a maior, a mais sublime de suas peças, *Hamlet*, o príncipe sombrio e pensador da Dinamarca. Peça que fala da dor da perda e da morte.

Do pai, Shakespeare, o menino herdaria, sempre segundo a autora, a inteligência, a excelente memória, “frequenta a escola seis vezes por semana, do alvorecer ao crepúsculo; consegue escrever com a rapidez de quem está falando, e lê latim e grego, e faz colunas de números” (p. 74); mas tem também a mesma facilidade em se distrair, em deixar a atenção fugir, seguindo, por exemplo, uma carroça na rua, imaginando para onde ela vai, ou “como foi maravilhoso o dia que o tio deu a ele e às irmãs uma carona na carroça de feno (...) O barulho de um pássaro no céu pode fazê-lo parar de falar no meio de uma frase, como se o próprio céu o deixasse surdo e mudo de uma hora para outra.” (p. 16). O menino tinha uma irmã mais velha, Susanna, e a sua gêmea, Judith. A família vivia na casa dos avós paternos Mary e John Shakespeare, que já fora abastado um dia, mas, arruinado, trabalhava duro na fabricação e comércio de luvas, com suspeitas, segundo as más línguas, de cometer ilícitos. E era nesse comércio detestado que o pai de Hamnet (cujo nome William o narrador prefere omitir) trabalhava desde muito jovem – e ainda como professor. É preciso dizer que o seu relacionamento com John era turbulento, pois o pai era autoritário e violento, o que só aumentava o desejo do filho de fugir da casa da família numerosa, em que todos os irmãos eram vítimas do seu mau humor e brutalidade: “Os acessos do pai brotavam do nada, como um vendaval, e logo se agigantavam.” (p. 41). Foi espancado inúmeras vezes.

A narrativa alterna o tempo dos acontecimentos, utilizando o *flashback* para buscar fatos e explicações anteriores ao nascimento do protagonista Hamnet, em 1585. Valendo-se da imaginação, o narrador conta do seu nascimento na floresta, para onde se dirigiu a sua mãe “bruxa” ou “feiticeira”, que tudo sabia sobre seus habitantes, árvores e animais, bem como a coruja e o falcão que trazia sempre no braço. E também sobre magia. E foi essa mulher, cujo nome verdadeiro era Anne Hathaway, chamada pelo próprio pai, Richard Hathaway, em seu testamento, de “Agnes” – diz a autora, mais velha, por quem o jovem Shakespeare se apaixonou aos dezoito anos. Engravidou-a, e o casamento foi inevitável. Era professor (distraindo) de latim dos irmãos da moça. Casados, mas praticamente separados, pois o jovem pai de

família, sem recursos, seguiu para Londres para ganhar a vida.

A partir daí, o romance prende-se mais à vida duríssima de Agnes, camponesa analfabeta, mas conhecedora dos mistérios da vida e da morte. Era afamada pelo conhecimento de plantas e seu uso no tratamento de todos os males, o que fazia de sua casa local de eterna romaria, sempre com gente chegando e partindo. No entanto, era calada e solitária, presa ao seu estranho dom. Com as visitas pouco frequentes do marido, de duas a cinco vezes ao ano, acostumou-se a ser mãe e pai, o faz-tudo da família. O dinheiro que chegava do marido, cada vez em maior quantidade, deu-lhe a casa grande e confortável, onde passariam o resto de suas vidas. Mas a solidão tornou-se também maior.

Numa das cenas mais emocionantes do livro, vemos a chegada do pai ao leito do filho morto:

Ele atravessa rapidamente o aposento e remove o pano. Ali

está, à sua frente, o rosto do filho, um lírio branco-azulado, os olhos cerrados, os lábios selados, como se o menino demonstrasse desagrado, indiferença pelo que ocorreu.

O pai pega o queixo do filho na mão em concha. Os dedos trêmulos traçam o ferimento no supercílio. Ele diz não, não, não. Diz Deus do céu. E então, se inclinando sobre o menino, sussurra:

– Como isso foi acontecer com você? (p. 284)

E a peste que levou Hamnet veio de longe. Seguiu uma rota de destruição, causando a morte por onde passava: nos portos e navios, nas estalagens, nas correspondências e encomendas entregues aos destinatários. Assim chegou à casa de Agnes. Essa passagem é a mais

criativa do ponto de vista da narração e da linguagem da autora.

Deixe estar que escrever biografia, ainda que romanceada, não é tarefa fácil, pois antes de qualquer coisa, é preciso ter alguma simpatia pelo biografado; mas não se pode ater apenas aos momentos gloriosos, há que se falar também dos momentos de derrota e até dos de vileza. Foi o que fez Victor Hugo na monumental biografia *William Shakespeare (Vida e Obra)*, (1864), em que revela desvios de conduta do jovem Shakespeare que, em uma noite de verão, no meio desse sonho, povoado de rapazes e moças, em meio à sua bebedeira e sob os tetos daquela casa, encontrou raros encantos numa camponesa de nome Ana Hathaway. O casamento foi o epílogo. Desposou a tal Ana Hathaway, mais velha do que ele oito anos, e, dessa união, nasceu-lhe uma filha, seguindo-se-lhe dois gêmeos, uma menina e um varão. Posteriormente, abandonou-a, e esta mulher, riscada para sempre da vida de Shakespeare, só reaparece no testamento deste, no qual lhe lega “o menos bom dos seus dois leitos”, sem dúvida porque, como disse um de seus biógrafos, “havia utilizado o melhor com outras”. Shakespeare, como La Fontaine, apenas atravessou pelo matrimônio. Depois de abandonar sua mulher, foi mestre-escola, em seguida escrevente em casa de um procurador e, finalmente, caçador furtivo. Esta última ocupação deu ensejo a que mais tarde dissessem que Shakespeare foi ladrão. Um dia, caçando ocultamente, foi surpreendido no parque de Sir Thomas Lucy e levado para a prisão. Foi processado. Insistentemente perseguido, fugiu para Londres. Para não morrer de fome, dedicou-se a cuidar de cavalos na porta dos teatros. Plauto havia feito girar uma mola de moinho. O ofício de cuidar de cavalos nas portas ainda existia em Londres no século passado [séc. 18] e os que assim ganhavam a vida constituíam uma espécie de profissão denominada os *shakespeare's boys* (RJ: Panamericana, 1944, p. 17).

E teve um filho fora do casamento, Sir William Davenant, ainda segundo Victor Hugo.

Mas o romance de Maggie O'Farrell, de que nos ocupamos aqui, procurou, como observam críticos renomados na quarta capa do livro, transfigurar a vida em arte; mostrar que sempre há novas histórias a serem contadas; como a morte precoce do filho pode ter influenciado a criação da peça magistral de seu pai; e emocionar o leitor. E a autora poderia ter dito com Shakespeare: “Eu nunca deixo a verdade atrapar-lhar uma grande história.”

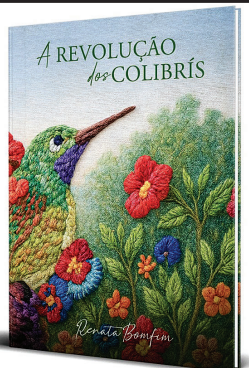
*Vera Lúcia Oliveira é da Academia de Letras do Brasil.



Livros e Autores

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



A REVOLUÇÃO DOS COLIBRIS

A Revolução dos Colibris (Editora Formar/2025) é o mais novo livro de poemas de Renata Bomfim, que propõe uma reflexão poética sobre temas socioambientais. Na obra, o eu lírico traça um percurso poético composto por paisagens e elementos que buscam desterritorializar o antropocentrismo, na busca pela coexistência com outros seres. Para o poeta e historiador Fernando Achiamé, o livro é movido por uma “força imaginativa” que guia o(a) leitor(a) por “páginas e páginas de assombros”. *A Revolução dos Colibris*

desvela que é no amor, em corpo e espírito, que a poética feminina de Renata Bomfim alcança a redenção. O Crítico literário Francisco Aurélio Ribeiro destaca que Renata é “essencialmente, poeta e ativista ambiental” e que “amalgamando mitos cosmogônicos e escatológicos, histórias e ciência, a autora vai recriando a história do nosso planeta” e “aprendemos com a poeta que “o amor precede a palavra”. O livro contou com o apoio do IEMA e será distribuído gratuitamente em bibliotecas públicas. Nascida em Vitória, no dia 21 de novembro de 1972, poeta, ensaísta e doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Renata é criadora da RPPN Reserva Natural Reluz (ES). Membro da Academia Espírito-santense de Letras, é autora de outros 4 livros de poesia.

GILDA NUNES, ADMINISTRADORA DO IMPOSSÍVEL

Gilda Nunes, *Administradora do Impossível* (CRA RJ), de Carlos Eduardo Drummond, reconstrói a trajetória da primeira e única mulher a presidir o Conselho Regional de Administração do Rio de Janeiro por uma década, período que atravessou desafios como o Plano Collor. A obra reúne pesquisa extensa e depoimentos que destacam o legado da biografada na gestão pública, sua liderança na conquista da sede própria do CRA-RJ e sua influência na formação da Administração moderna no Brasil. Pioneira na Administração de Empresas, Gilda Nunes transformou a profissão em um verdadeiro projeto de vida, liderando iniciativas importantes, enfrentando desafios severos. Sua gestão viabilizou a construção da atual sede do Conselho, um prédio de sete andares localizado na Tijuca. A biografia também destaca sua dimensão pessoal — filha, mãe, aluna, esposa — e revela uma mulher cuja vida foi marcada por coragem, sensibilidade e episódios de grande superação. Formado em Administração pela UERJ e pós-graduado em Relações Internacionais, Carlos Eduardo Drummond conta como uma boa iconografia. É coautor do livro *Caetano — Uma Biografia* (2017) e autor de *Tempos Modernos: O Rio Metrópole, a Exposição de 1922 e a Incrível História do Palácio que Desapareceu durante a Ditadura Militar* (2024), entre outras publicações.



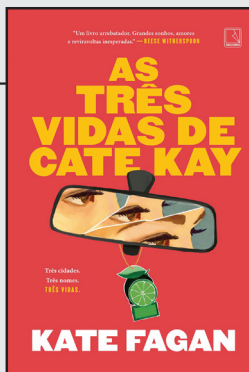
GILDA NUNES
Administradora do Impossível

Carlos Eduardo Drummond



AS TRÊS VIDAS DE CATE KAY

Um dos lançamentos da Editora Record para 2026 é *As Três Vidas de Cate Kay*, estreia na ficção da jornalista americana Kate Fagan, ex-jogadora de basquete e autora de livros premiados de não ficção. O romance entrou para a lista dos cem títulos de 2025 que merecem ser lidos, selecionados pela *Time Magazine*. O livro explora as três versões da protagonista, uma escritora de sucesso que usa pseudônimo e que, para revelar ao mundo sua verdadeira identidade, resolve revisitar a própria história. E acaba se envolvendo com a atriz principal do filme inspirado em seu best-seller, *O Derradeiro Fim*. Romance de amadurecimento único, *As Três Vidas de Cate Kay* explora a individualidade da memória. Centrado na experiência de uma jovem de cidade pequena com grandes ambições, a obra tem um enredo primoroso. Kate Fagan é jornalista vencedora do *Emmy Award* e autora do best-seller do *New York Times* *What Made Maddy Run*, semifinalista do Prêmio PEN/ESPN de escrita literária desportiva. Também é autora de três outros títulos de não ficção, ex-jogadora profissional de basquete e passou sete anos trabalhando como jornalista na ESPN. Kate atualmente mora em Charleston com sua esposa, Kathryn Budig, e seu cachorro, Ragnar.



FRUTOS DO DIA DE FAINA

Frutos do Dia de Faina (Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2024) reúne parte

da produção intelectual do renomado escritor cearense Linhares Filho. A obra reflete sobre os resultados de um dia de trabalho, lembrando suas atividades como pesquisador, professor e crítico literário. A maior parte dos ensaios vem de suas aulas na Universidade Federal do Ceará (UFC), abordando temas das literaturas portuguesa, brasileira, cearense e da teoria literária. O termo “faina” significa um trabalho difícil, penoso ou exaustivo, frequentemente associado a tarefas manuais ou rotineiras. Portanto, “frutos do dia de faina” é uma expressão que, metaforicamente, descreve o que se colhe após um período de grande esforço e dedicação. Grande parte dos textos é resultado das aulas ministradas na Universidade Federal do Ceará, na graduação ou na pós-graduação do Curso de Letras. Há também ensaios, discursos de recepção a acadêmicos e prefácios. Todos com o timbre da interpretação crítica. Conhecido como “Príncipe dos Poetas Cearenses”, Linhares Filho possui mestrado em Literatura Portuguesa e doutorado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atuando ainda como professor titular de Literatura Portuguesa na UFC. Membro efetivo da Academia Cearense de Letras desde 1980, também faz parte da Academia de Letras e Artes do Nordeste.



O FIM DO JOGO

O Fim do Jogo (Editora O Livreiro Galo), primeiro livro de Rafaela Manhã dos Guaranys, começou como um diário íntimo de sobrevivência. Ao final de 364 páginas, tornou-se um relato real, sensível e profundamente humano sobre romper ciclos, desaprender padrões e reconstruir-se a partir da própria verdade. A autora atuou por 10 anos na área comercial — cinco deles no setor de shopping centers e outros cinco no mercado financeiro — vivenciando de perto a cultura da alta performance, a busca incessante por resultados e os impactos emocionais que essa lógica pode gerar. Até que a vida — e o corpo — decidiram parar. Entre São Paulo, Rio de Janeiro e Nova York, Rafaela construiu uma carreira brilhante — mas o preço da alta performance se revelou em silêncio: o burnout que a levaria a um renascimento. O colapso foi o ponto de virada. Diante do limite, ela mergulhou na neurociência, na filosofia e na espiritualidade, transformando o próprio caos em caminho. Rafaela Manhã dos Guaranys é administradora formada pela PUC-Rio, onde também concluiu seu mestrado em Comercial e Vendas. Possui ainda um MBA e uma especialização em *Leadership* pela *Mercy College*, em Nova York. Atualmente, atua em projetos que unem bem-estar, autenticidade e propósito.



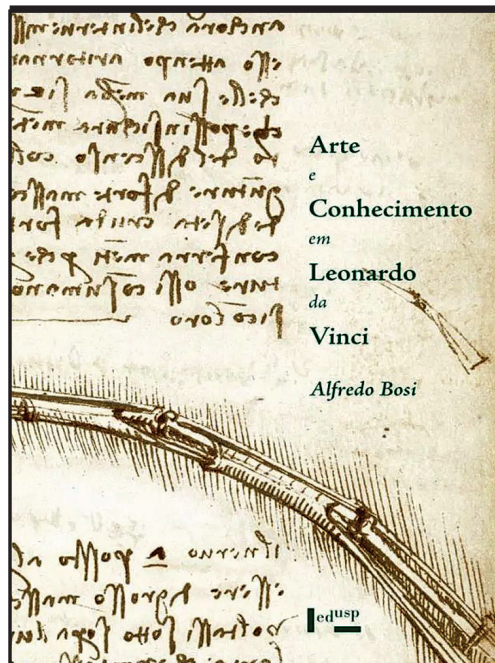
FLOR

Flor (Editora Bertrand Brasil, 2022), escrito por Cintia Barreto e ilustrado por André Flauzino, trata de superação, cuidado, artes plásticas, amor à natureza, relação familiar e esperança. Com linguagem simples, embasada no poético, a narrativa potencializa a emotividade, propiciando a expansão da visão de mundo e afetividade. Ilustração e texto em perfeita sintonia favorecem diversas e criativas interpretações. Cintia Barreto é escritora e professora. Fez graduação, especialização, mestrado e doutorado em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Lecionou na universidade pública e na rede privada. Ministra palestras nas áreas de Letras e em cursos de formação de professores. É autora de *Entre Nós*, *Mar em Mim*, *Lia Lia e Gosto de Poesia*, e tem poemas publicados na coletânea do Grupo Poesia Simplesmente. André Flauzino é formado em Desenho Industrial/Programação Visual pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Desde 2014, é instrutor do Curso de Comunicação Visual do SENAI Artes Gráficas. Foi professor do Curso Superior de Artes Visuais e Ilustração da Faculdade Pestalozzi — Escola Superior de Ensino Helena Antipoff, de 2007 a 2013, e professor substituto da Escola de Belas Artes — CLA/BAF da Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ, de 2010 a 2012.



Reflexões sobre a arte da escrita

Por William Soares dos Santos*



Arte e Conhecimento em Leonardo da Vinci de Alfredo Bosi.

Livros pequenos, mas que carregam densidade, podem ser um presente incrível para leitores apaixonados. Nessa categoria, o livro *Arte e Conhecimento em Leonardo da Vinci*, escrito por Alfredo Bosi (1936-2021), professor emérito da USP e sétimo ocupante da Cadeira nº 12 da ABL, é um belo e raro presente para os leitores apaixonados pela arte, ciência e vida de Leonardo da Vinci (1452-1519). O livro é pleno de iluminações sobre o trabalho de Leonardo e sobre o ser humano que ele se tornou como reflexo de ter podido participar de

algumas das reflexões mais profundas de seu tempo, aquelas que estariam no centro na Renascença italiana e que influenciam seres humanos pelo mundo até hoje. Entendi o livro como uma escrita, quase em fluxo de consciência, de alguém que entende a centralidade de Leonardo da Vinci para o pensamento ocidental, em uma tentativa de se aproximar do gênio de Leonardo e, sobretudo, de buscar traçar compreensões a respeito das influências filosóficas por traz de algumas de suas pinturas icônicas.

O livro tem início com uma leitura da tela *Virgem dos Rochedos* (c. 1491), na qual Alfredo Bosi parte de uma reflexão bela e profunda sobre a diferença entre a caverna de Platão daquela de Leonardo, de como ele via os elementos da natureza e os engajava em sua obra. Para Bosi (p. 16), “em Leonardo matéria e luz buscaram-se amorosamente e casam-se na textura final do quadro”. Se na caverna de Platão o ser humano é instado a sair, a libertar-se para ver o mundo sob a luz solar, em Leonardo, a caverna passa a ser um convite à exploração do lugar escuro e enigmático para o qual o artista é atraído a fim de explorar os seus mistérios. É importante dizer que Bosi não tira conclusões ao acaso, a sua percepção é embasada por diálogos com obras de Platão (428/427-348/347 a. C.), de Santo Agostinho (354-430 d. C.), de Marsílio Ficino (1433-1499 d. C.), entre outros. Bosi não olha apenas para a pintura de Leonardo, mas dialoga com outras de suas facetas. Ele também investiga a escrita e a inventividade de Leonardo para melhor entender o pensamento no centro de sua produção artística nos lembrando que, em Leonardo, a arte era fruto de um pensamento elaborado e nunca apenas a gestualidade, ou a busca pela representação ou a técnica. Daí a densidade de seu livro, resultado da busca obstinada de um leitor apaixonado por da Vinci, que tenta entender o tempo de Leonardo para se aproximar dos significados pouco esclarecidos de sua obra artística.

Lá mesmo onde as palavras já ganharam outros sentidos, Alfredo Bosi, para melhor iluminar a sua leitura, realiza uma arqueologia em que faz emergir da poeira do tempo os sentidos com os quais Leonardo teria tido contato. Além do platonismo, Bosi nos lembra da influência da escola pitagórica sobre o pensamento de Leonardo, de como ele era fiel cultor das proporções ideais e da busca pelo número áureo. Prova disso, é que um dos matemáticos mais conhecidos da Renascença, o frei Luca Pacioli (1445-1517), pediu a Leonardo que ilustrasse o seu tratado *De Divina Proportione* (1498). Bosi nos mostra como na arte de Leonardo podemos encontrar a valorização científica das formas da natureza (incluindo a humana). Essa leitura é embasada, também, pelos manuscritos de Leonardo, nos quais, para Bosi

(p. 22), “há uma cadeia conceitual em que cada termo condiciona o seguinte: necessidade + experiência = sapiência”. É nessa busca pela sabedoria que o Leonardo artista e o cientista se confundem.

Em determinado momento do livro, Bosi realiza uma reflexão pontual sobre os estudos anatômicos de Leonardo, nos lembrando que da Vinci foi um dos primeiros a teorizar sobre esse tipo de desenho, observando que somente a representação dá conta de detalhes que aparecem e desaparecem no processo de dissecação dos corpos. A busca por melhor representar a fisiologia e a anatomia dos corpos humanos foi, na obra de Leonardo, uma busca obstinada com o objetivo de compreender não apenas a matéria de que somos feitos, mas como o corpo se constitui em um instrumento da alma, através do qual ela frui e especula a natureza da matéria.

Em outro momento, Bosi nos lembra do *Fabulário* de da Vinci, em que se encontram textos nos quais o gênio se utilizou do gênero fábula para mostrar seres em interações sociais carregadas de tensão e risco à própria existência, como a do castanheiro que ri da figueira ou da borboleta que é atraída pelo desejo de voar dentro da chama de uma vela. Bosi nos lembra que, em Leonardo, a fábula nunca é apenas narrativa exemplar ou moralizante, mas é um gênero cognitivo. Isso significa que a vida humana, seja na natureza, seja no mundo social, demanda a submissão à disciplina do estudo e da pesquisa, ou seja, trata-se de um esforço intelectual para compreender as forças que estão ao nosso redor. Mas o Leonardo que olha para as coisas da matéria e do mundo finito dos seres humanos também se volta para a especulação das coisas infinitas. Bosi nos lembra que o espírito em Leonardo não é apenas sopro ardente, mas é, também, luz intelectual em que a palavra “luz” ganha significados que vão do físico ao espiritual. Bosi exemplifica como, em uma oração escrita por Leonardo, ele pede que a Luz divina lhe dê um conhecimento (luz) perfeito sobre as coisas do mundo.

Na seção em que reflete sobre o desenho e a pintura em Leonardo, Bosi nos mostra que, sem abandonar as formas próprias do desenho, que apreende as formas do real dado, Leonardo, já no âmbito da pintura, inventa a técnica do *sfumato* a fim de abrandar a dureza do desenho, dos contornos e dos relevos, realizando a pintura como um milagre ao fazer parecer palpável as coisas planas. Assim, em Leonardo, a arte, como ele mesmo teria expressado, é algo mental e nunca apenas manual ou técnico. Para Leonardo, a ciência da pintura precisa refletir a mesma proporção encontrada na natureza a fim de se representar algo finito através de meios igualmente finitos, que são as técnicas artísticas, mas que produzam um sentimento de infinitude, sendo este o maior milagre da pintura.

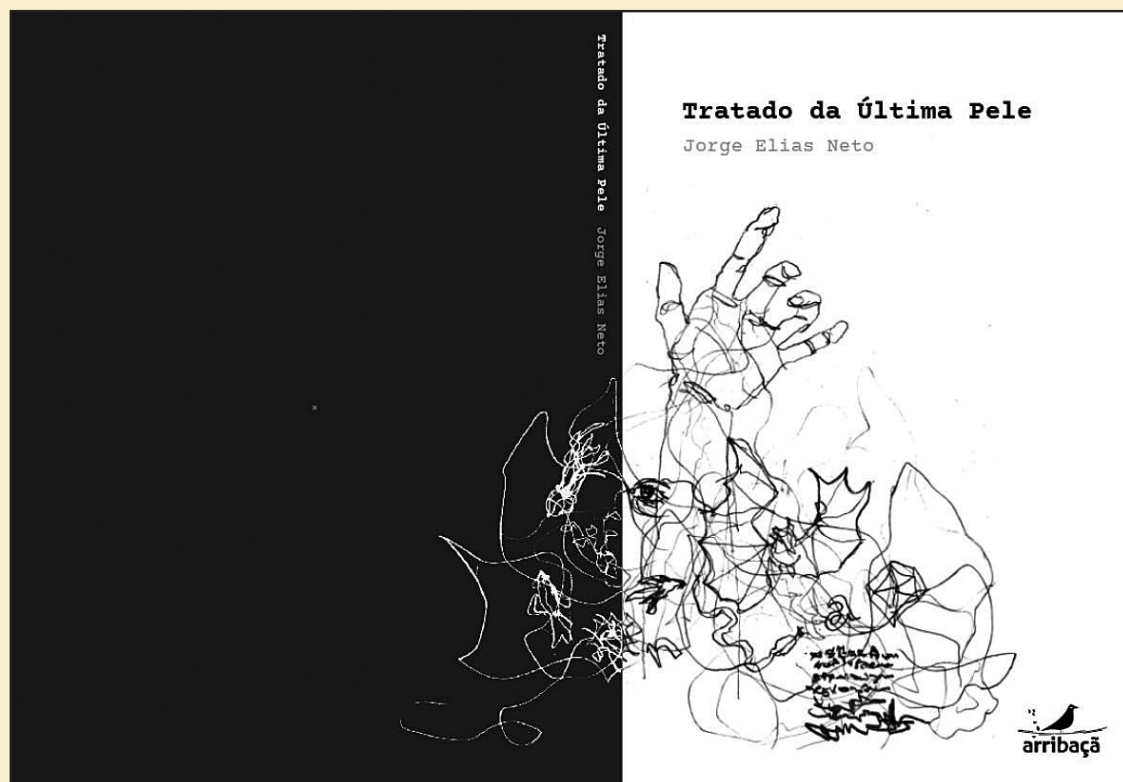
Em Leonardo, pintor, cientista e filósofo se confundem em uma alquimia que leva o olhar a contemplar as coisas para além das aparências imediatas. A representação artística em sua obra, embora partindo do mundo circunstante, visa a apreensão daquilo que está para além do tempo e do espaço. O seu alvo nunca será tão somente a forma, mas a busca pela representação da própria luz em si mesma e, ao mergulhar o objeto de sua representação na luz, o artista mergulha esse objeto no infinito. Bosi compreende que todos os materiais utilizados por Leonardo em suas pinturas (o suporte de madeira, os pigmentos, as essências, os vernizes etc.) eram transformados em luz. Tratava-se de retirar da escuridão o gesto, a perspectiva, as cores, os movimentos e as paixões nas quais natureza e arte, figuras e sentimentos se encontram em fusão. É nesse sentido, nos lembra Bosi (p. 60), que para Leonardo “a pintura é filha da natureza e, mediante esse parentesco, é quase neta de Deus”.

Alfredo Bosi aborda muitos outros temas de muito interesse (como o da Santa Ceia, o da poesia do movimento e o dos elementos da natureza em Leonardo) que não terei tempo nem espaço para abordar aqui, mas não posso deixar de mencionar que ele termina o seu livro lindamente apontando para a impossibilidade do término em Leonardo. No aceno à sua viagem à Amboise, o autor nos conta que é ali, no último refúgio do gênio, que, justamente, tem a sua atenção voltada para a percepção da eterna transmutação da vida, que aponta para o infinito no qual “Nenhum ser vai para o nada”. Abraço o aceno de Bosi como uma das principais lições de Leonardo, justamente para não me esquecer de sempre refletir sobre Leonardo, sobre os múltiplos aspectos de sua obra, sobre a sua busca, sobre a sua centralidade para o pensamento humano, sobre o sentido de sua própria vida e o de fazer existir uma obra tão genial, tão sem começo e tão sem fim, que deseja ultrapassar as fronteiras do tempo e do espaço.

*William Soares dos Santos é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e escritor.

Anatomia de um tecido poético

Por Anaximandro Amorim*



Jorge Elias Neto (Vitória/ES, 1964), da Academia Espírito-santense de Letras, é médico e escritor e, já aqui, temos uma deliciosa contradição entre a ciência e a poesia. E não poderia ser melhor: o autor é cardiologista, ou seja, especializado em corações. Entre cirurgias e medicamentos, Jorge Elias faz, também, versos – e é muito bom nesta arte, aliás, como tantos médicos autores. Schiller, por exemplo, dizia que, quanto mais estudava Medicina, mais se encantava pelo Humano; no Brasil, impossível não pensar no trabalho de Moacyr Scliar, Pedro Nava ou Guimarães Rosa. Jorge, por seu turno, contribui para este panteão: seu *Tratado da Última Pele* é um succulento recolhido poético, que radiografa (com o perdão do termo médico) 25 anos de intenso e profícuo labor poético.

Elias Neto é conhecido, pelos que se debruçam sobre seus versos, como, por exemplo, Shirlene Rohr (*Bravos Companheiros e*

Fantasma – vol 7 – UFES), como vate detentor de uma poética que expõe uma certa condição humana, um ceticismo que, ao mesmo tempo, mescla um lirismo, como toques que poderíamos chamar, até, de neossimbolistas; ele também é, segundo dizeres do saudoso Prof. Dr. José Augusto Carvalho (na introdução do livro), autor de textos que decantam uma linguagem remetendo uma sintaxe própria, com construções que brincam com sons, criando seu próprio jogo musical.

Está tudo ali, portanto: Desde *Verdes versos* (2007); *Rascunhos do absurdo* (2010/1/2); *O Estalo da Palavra*; *Glacial* (2014); *Breve Dicionário (poético) do Boxe* (2013); *Breviário dos Olhos* (2014); *Cabotagem* (2016); *O Ornitorrinco do Pau Oco* (2018); *Sonetos em Crise* (2020); *A Arte do Zero* (2021); *Manual para Estilhar Vidraças*;

e *XXI Sombras*. Tudo como uma espécie de “tratado”, como sói aos médicos, brindando-nos com uma verdadeira anatomia de uma tessitura poética consistente, como uma pele que renova suas camadas, a epiderme de um projeto poético vivo.

Dentre as ricas possibilidades de se ler Jorge Elias, proponho uma que fale ao corpo. Sua temática, recorrente ao *eros* e ao *tanatos* perpassa pelo humano, na sua dicotomia alma e corpo. O corpo, na poética do autor, é, portanto, para nós, um ponto de partida, um assunto recorrente, que ele explora em todas as suas possibilidades. Tal o é, por exemplo, no poema “Meu corpo”, do livro *O Ornitorrinco do Pau Oco*: “(...) Meu corpo é o bojo da névoa / ruminada no pasto, / é a universalidade de um nada / carente de sentido. / Exilado na descrença, // jaz // no giral de ofertas / de um supermercado”.

Do mesmo livro, também pinçamos “Há dois corpos”: “(...) Uma medida // do meu sexo / te explorando enquanto dorme/ rompendo tua boca/ enquanto fala, / carregando o peso/ da insônia do Mundo”. Ou o texto “Balada da carne”, em

O Estalo da Palavra: “Já que o dia é par, falemos de amor. // Já que à frente sempre resta o horizonte, / não me enterrarei além dos olhos. / Já que é no vazio insalubre da cura / que se percebe a alma esvanecendo, / tragam-me uma taça”. O corpo poético, em suas retinas fatigadas, vê apenas a morte, drummondianamente, ou a procura da poesia.

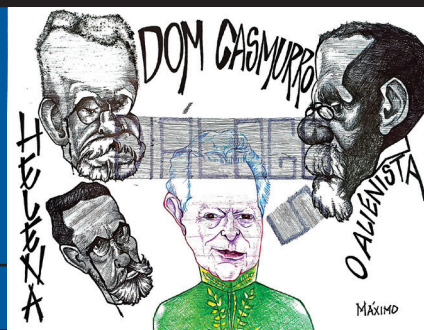
Em “Despedida”, de *XXI Sombras*, temos: “É na transição que me despeço/ pois outro entorno passa a ser sentido (...) // Não saber o nome que se diz / quando se está surpreso/ passa a ser vida”. O poeta se renova, na sua epiderme poética, trazendo para nós uma nova poesia, no movimento de morte e vida, buscando, em última análise, pelos seus versos, a imortalidade.

*Anaximandro Amorim (1978) é escritor, professor e tradutor de francês. Mestre e doutorando em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Membro da Academia Espírito-santense de Letras.

Diálogo imortal

Por Manoela Ferrari

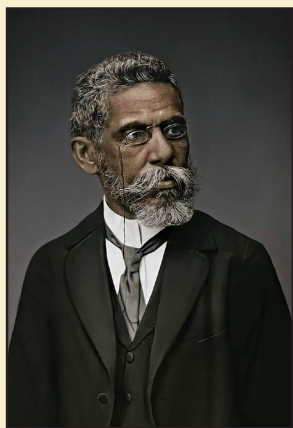
manoela.ferrari@gmail.com



Há livros que informam. Outros que interpretam. E há aqueles, mais raros, que conversam com o tempo – não apenas com o passado, mas também com o futuro. *Arnaldo Niskier e Machado de Assis – Diálogos* (Tinta Negra, 2025) pertence a essa última categoria: uma obra que estabelece uma ponte entre dois imortais da Academia Brasileira de Letras, separados por mais de um século, mas unidos por afinidades profundas – intelectuais, éticas, educacionais e humanas.

Machado de Assis é um escritor vivo porque escreveu sobre aquilo que não envelhece: a alma humana. Reunindo 55 textos escritos entre 1984 e 2024, selecionados a partir de citações do “Bruxo do Cosme Velho”, o diálogo proposto pelo professor, pedagogo, filósofo, jornalista e segundo decano da ABL Arnaldo Niskier não se limita a revisitar Machado; ele o projeta para adiante. Porque, como o próprio Machado ensinava, “em meio às dificuldades da vida é preciso olhar para o futuro” – não como fuga, mas como horizonte de lucidez. Essa visão atravessa o livro e o transforma em algo vivo, atual e necessário.

“Defeitos não fazem mal, quando há vontade e poder de os corrigir.” (Machado de Assis, *Correspondência para Lúcio de Mendonça*, 24 de janeiro de 1872.)



Machado de Assis, fundador e primeiro presidente da ABL; Arnaldo Niskier, sétimo ocupante da cadeira 18 da ABL, eleito em 22 de março de 1984.

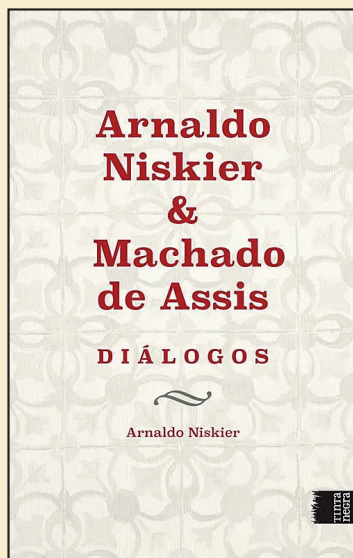
Dois percursos unidos pela fidelidade à palavra

Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro em 1839, em um Brasil ainda escravocrata, desigual e em formação. Autodidata, superou limitações sociais e físicas para construir uma obra que permanece contemporânea. Sua literatura nunca foi prisioneira do tempo histórico em que viveu. Pelo contrário: antecipou dilemas morais, sociais e psicológicos que ainda hoje nos interpelam.

Fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, Machado pensou a instituição como um espaço de permanência, mas também de renovação. Sua escrita, marcada por ironia e sutileza, projetou um olhar voltado para o que viria depois – carregando a certeza de que a literatura verdadeira atravessa gerações.

Arnaldo Niskier, nascido em 1935, construiu trajetória igualmente marcada pelo compromisso com o futuro. Professor, educador, gestor público, acadêmico, secretário Estadual de Ciência e Tecnologia (1968-1971) e secretário de Educação e Cultura do Rio de Janeiro (1979-1983), desde sempre compreendeu o saber como instrumento de transformação. Sua obra ensaística e reflexiva, com mais de 100 títulos lançados, incluindo o público infantil e a composição musical e poética, acompanha as mudanças do mundo, sem perder de vista os valores essenciais.

Se Machado viveu a transição do Império para a República, Niskier atravessou o século XX e entrou no XXI atento às transformações tecnológicas, culturais e educacionais que redefinem a sociedade contemporânea. Ambos entenderam que pensar o presente é, inevitavelmente, preparar o futuro.



“Estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de São Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.” (Machado de Assis, *Correspondência para o bispo capelão-mor*, 01 de janeiro de 1877.)

Pensar os desafios do mundo de ontem e de hoje pelo olhar dos dois imortais é atravessar quase um século de história brasileira com a mesma pergunta essencial: o que muda de fato quando o tempo passa?

Machado, nascido no século XIX, observou um Brasil em formação, marcado por desigualdades fundacionais, por uma elite que se dizia moderna, mas agia com velhos vícios. Seu olhar é o da suspeita lúcida: ele desnuda a hipocrisia, revela a distância entre discurso e prática, e mostra que o progresso material não garante avanço moral. Para Machado, o maior desafio do mundo era – e continua sendo – o homem diante de si mesmo.

Niskier, nascido quase um século depois, escreve num Brasil atravessado pela velocidade, pela informação em excesso e pela urgência do presente. Seu olhar é o da construção: educador, gestor cultural, defensor da leitura e das instituições, ele acredita na palavra como ferramenta de permanência e transformação. Onde Machado ironiza, Niskier propõe; onde um desmonta ilusões, o outro insiste na edificação.

O diálogo entre ambos revela um paradoxo fecundo. Machado nos ensina a desconfiar das soluções fáceis e das virtudes exibidas. Niskier nos lembra que, apesar de tudo, é preciso agir, ensinar, preservar e, sobretudo, organizar a cultura.

Se o mundo de ontem lutava contra o atraso travestido de civilização, o de hoje enfrenta a pressa travestida de progresso. Entre um tempo e outro, permanece o desafio: formar consciências, sustentar valores, fazer da palavra um espaço de responsabilidade.

Assim, esses dois imortais – separados pelo tempo, unidos pela Academia – nos oferecem um duplo legado: a lucidez crítica de Machado e a esperança ativa de Niskier.

Juntos, eles provam que a literatura não apenas atravessa os séculos – ela nos convoca a responder por eles.

“Num país de memória curta, temos o dever de reavivar o nosso patrimônio cultural, não deixando que as nossas raízes históricas esmoreçam.” (Arnaldo Niskier, *Infância*.)

Academia, cultura e permanência

A Academia Brasileira de Letras segue como cenário simbólico desse encontro. Machado a fundou como espaço de preservação da língua e da cultura. Niskier a vive como instituição em permanente diálogo com o tempo presente. Os textos falam também do convívio, da diplomacia, das diferenças e da necessidade de renovação sem ruptura. A cultura, para ambos os imortais, é o que impede o esquecimento. É o que dá sentido à história vivida e registrada.

Nos diálogos do livro, surge uma reflexão delicada e profunda sobre o tempo. Machado, com sua sabedoria silenciosa, ensina que o futuro é uma resposta possível às adversidades da vida. Niskier amplia essa ideia ao afirmar que a marcação dos anos é “uma invenção humana, pois o tempo, em sua essência, é eternidade: não tem início nem fim” (página 155).

Essa percepção atravessa as crônicas como um fio invisível: o tempo não como algo que se perde, mas como algo que se transforma. A idade não aparece como declínio, mas como acúmulo de experiência, memória e responsabilidade. O passado ilumina o presente, e o presente precisa dialogar com o futuro.

“Até que idade se pode permanecer na ativa? O certo é que não existe uma resposta precisa para essa pergunta. Veja-se o caso do escritor e pensador francês Edgar Morin. Ele está completando cem anos e segue escrevendo, dando ao mundo o resultado de uma experiência que parece não ter fim.” (Arnaldo Niskier, em *Plenitude*.)

Outro tema recorrente é a memória – individual e coletiva. Fala-se da idade como experiência somada. Do valor do reconhecimento em vida. Da saudade como forma de presença. Da importância de registrar experiências para que não se percam na voragem do esquecimento.

“A saudade é isto mesmo; é o passar e repassar das memórias antigas.” (Machado de Assis, *Dom Casmurro*.)

Machado, que viveu com discrição e reconhecimento tardio, encontra em Niskier um interlocutor que compreende o valor do tempo vivido e da história preservada.

“Machado, na sua época, não foi unanimidade. Teve a sólida inimizade de Sílvio Romero, que o acusava de ter ‘veleidades de pensador, de filósofo, e entende que deve polvilhar os seus artefatos de humor e, às vezes, de cenas com pretensão ao horrível’.” (Arnaldo Niskier, *Entre inimigos e amigos*.)

Educação: tradição, renovação e responsabilidade

Outro eixo central do livro é a reflexão sobre a educação. Os acadêmicos compreendem que a escola não pode ser um espaço fossilizado. Machado, atento às transformações de seu tempo, já apontava a necessidade de formar espíritos críticos e atentos à realidade. Niskier, com a autoridade de quem viveu a educação por dentro, reforça a urgência de adaptar as escolas a metodologias mais modernas, sem perder o rigor intelectual.

“Unamos agora os pés e demos um salto por cima da escola, a enfadonha escola, onde aprendi a ler, escrever, contar, dar cacholetas, apanhá-las, e ir fazer diabruras, ora nos morros, ora nas praias, onde quer que fosse propício a ociosos. Tinha amarguras esse tempo: tinha os ralhs, os castigos, as lições árduas e longas, e pouco, mas mui pouco e mui leve. Só era pesada a palmatória.” (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.)

Nos diálogos, surge a defesa clara de que os professores precisam estar em constante atualização, não apenas técnica, mas humanística. A tecnologia deve ser aliada do processo educacional, facilitando a aprendizagem, ampliando horizontes e aproximando gerações – jamais substituindo o pensamento crítico, a ética e a sensibilidade.



“Ao longo da história, a escola foi se adaptando às novas tecnologias. Num primeiro momento, a educação formal era baseada em aulas expositivas, com o enfoque no discurso do professor. Atualmente, temos as diversas mídias educacionais. O grande desafio é saber utilizá-las de modo eficiente e permitir que contribuam com as práticas pedagógicas.” (Arnaldo Niskier, 2018.)

Arnaldo Niskier começou a dar aulas na década de 1960, exercendo o magistério na UERJ por quase quatro décadas, até a aposentadoria, em 1995.

Tecnologia, cultura e o tempo em mutação

As crônicas reunidas no livro ampliam ainda mais esse espectro ao incorporar reflexões sobre tecnologia e cultura. Niskier observa o impacto das novas tecnologias na linguagem, no ensino, na memória e na forma como a sociedade se organiza. Machado, convocado pelas epígrafes, oferece contrapontos surpreendentemente atuais – como se suas intuições atravessassem o século.

O diálogo revela que, embora os instrumentos mudem, os dilemas humanos permanecem. A tecnologia acelera o tempo, mas não substitui o pensamento. A cultura se transforma, mas continua sendo o fio que conecta gerações.

“Estudemos o espírito dos tempos.” (Machado de Assis, *A Semana*, 13 de novembro de 1892.)

“Tenho orgulho de afirmar que o Planetário do Rio de Janeiro, situado na Gávea, saiu da minha imaginação, em 1969, quando exercia o cargo de Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia da então Guanabara.” (Arnaldo Niskier, *Boas ideias*.)

Inteligência Artificial

É nesse ponto que Arnaldo Niskier amplia o diálogo para um dos

grandes temas do nosso tempo: a Inteligência Artificial. Suas reflexões abordam os desafios e possibilidades dessa nova realidade, sempre com prudência e visão humanista. A tecnologia, aponta o autor, precisa servir à educação, à cultura e à memória – e não o contrário.

“Não se deve transformar uma ferramenta estatística num novo Deus. E aí entra o papel essencial da educação na formulação dos necessários princípios.” (Arnaldo Niskier, *Os riscos do endeusamento da IA*.)

Machado, convocado pelas citações, parece dialogar com surpreendente atualidade. Seus textos lembram que nenhuma inovação técnica resolve, por si só, os dilemas morais do homem. O avanço tecnológico exige, mais do que nunca, ética, discernimento e responsabilidade intelectual.

“Creiam-me, não há problemas insolúveis. Tudo neste mundo nasce com a sua explicação em si mesmo; a questão é catá-la. Nem tudo se explicará desde logo, é verdade; o tempo do trabalho varia, mas haja paciência, firmeza e sagacidade, e chegar-se-á à decifração.” (Machado de Assis, *A Semana*, 12 de junho de 1892.)

Um encontro de gigantes

Arnaldo Niskier e Machado de Assis – Diálogos é, assim, um encontro de gigantes da inteligência brasileira. Um livro feito para ser lido com prazer, relido com atenção e guardado com reverência. Uma obra que não apenas homenageia Machado de Assis, mas o mantém em permanente conversação com o presente. Há diálogos que não se encerram; eles atravessam o século e continuam a nos ensinar a escutar.

“Quando a gente não pode imitar os grandes homens, imite ao menos as grandes ficções.” (Machado de Assis, *A Semana*, 19 de novembro de 1893.)

Avatar

A inauguração do avatar de Machado de Assis pela Academia Brasileira de Letras (ABL), em março de 2024, representa um marco tecnológico e educacional, com o objetivo principal de aproximar a literatura clássica do público moderno, especialmente os mais jovens. O projeto utiliza inteligência artificial (IA) para criar uma experiência interativa na sede da instituição no Rio de Janeiro.

O avatar de Machado marca um gesto simbólico e profundamente contemporâneo: a tecnologia posta a serviço da memória, da educação e do pensamento crítico. Ao transformar Machado em presença digital, a ABL não o retira do passado – ao contrário, o reinsere no debate do presente, reafirmando sua condição de escritor vivo, inquietante e necessário.

Esse avatar inaugura uma nova forma de diálogo. Não se trata de substituir a obra, mas de criar uma porta de entrada: leitores jovens, estudantes e curiosos podem “conversar” com Machado, provocá-lo, escutá-lo, e assim perceber que suas perguntas continuam atuais.

Nesse ponto, a inovação tecnológica encontra um precedente literário decisivo: o livro do professor Niskier, que engendrou diálogos com Machado de Assis, fazendo do tempo um território permeável. Ali, o diálogo não é virtual, mas intelectual e ético. Niskier convoca Machado a pensar o Brasil, a cultura, a educação, as instituições e o futuro – não como relíquia, mas como interlocutor exigente.

O avatar amplia, no plano tecnológico, o que o livro já realiza no plano literário: o prolongamento a conversa. Se Niskier mostrou que é possível dialogar com Machado por meio da palavra escrita, a Academia demonstra que esse diálogo pode ganhar novas linguagens, novos públicos e novas formas de mediação.

Ambos os gestos – o livro e o avatar – apontam para a mesma convicção: as questões essenciais do humano não se esgotam no tempo. Mudam os suportes, os meios, as velocidades. Permanecem as inquietações fundamentais. Ao unir tradição e inovação, a Academia Brasileira de Letras reafirma que preservar não é congelar, mas fazer circular o pensamento.

Machado, há dois anos avatar e sempre autor, continua nos olhando com ironia fina e inteligência rigorosa. E, como sempre, mais do que responder, ele nos devolve a pergunta – essa que atravessa séculos e tecnologias: o que estamos fazendo de nós mesmos?

O avatar de Machado de Assis conversa com a jornalista Manoela Ferrari, do Jornal de Letras.



Muito orgulho!

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

Sim, a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Inverno foi inesperada e um lindo presente do jovem Lucas Pinheiro Braathen ao Brasil. Realmente, esse norueguês/brasileiro combina com sol, alegria, samba e neve!

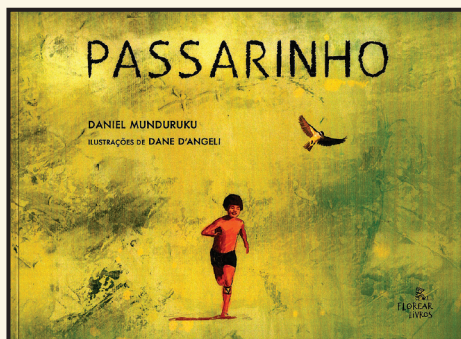
Orgulho enorme para a indicação do lindo livro brasileiro *U-507*, como finalista do *Prêmio Bologna Children's Book Fair 2026*, na Itália. Importante encontro do mundo do livro infantil e juvenil, que acontecerá de 13 a 16 de abril. A edição primorosa da Editora Global reúne o talento narrativo de Roger Mello – vencedor do *Prêmio Hans Christian Andersen* – e a potência visual do designer e ilustrador Felipe Cavalcante.

As obras selecionadas em nossa página têm esse traço em comum, qualidade, emoção, beleza, sensibilidade e brasilidade!

Espero que vocês também fiquem orgulhosos ao conhecê-las.



U-507 – Minha mãe contava a história de um parente distante que estava a bordo do navio torpedeado por um submarino alemão em águas brasileiras. Dizia ela que foi a ação que faltava para o Brasil entrar na Segunda Guerra Mundial, ao lado dos Aliados. Roger Mello apresenta uma história repleta de detalhes, aflições e descobertas, adequando a narrativa ao público jovem. Com Felipe Cavalcante, repetem, com mais impacto visual, o sucesso anterior, *Clarice*, lançado em 2018. Parabênzulo a editora Global, que não mediu recursos para uma edição arrojada e de extrema qualidade e criatividade! A obra é um conjunto de talentos editoriais!



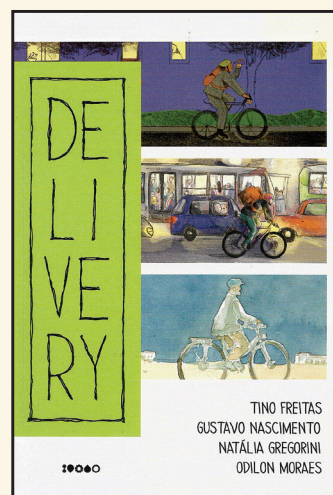
Passarinho – (Florear Livros) – Conheci o livro quando participei do júri do Prêmio da Fundação Biblioteca Nacional 2026 e me encantei com a delicadeza da poesia de Daniel Munduruku e as ilustrações especiais de Dane D'Angeli. Menino e pássaro conversam em situações semelhantes, de crescimento, desenvolvimento, descobertas. Eles sabem... logo virá a partida! Lindo!

O Nome do Moço – (Joaquina) – Márcia Leite sempre esteve atenta ao que se apresenta ao redor. À frente da Editora Joaquina, suas edições trazem o viés social, os questionamentos sobre as desigualdades, numa posição

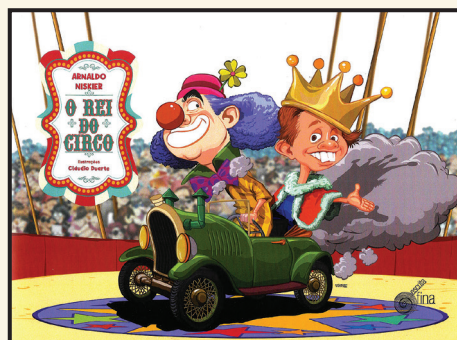


de vanguarda. Márcia Leite autora não poderia ser diferente, junto com Bruna Lubambo, mostra que o olhar infantil também se sensibiliza com as diferenças e desigualdades. Edição cuidadosa onde texto e ilustrações caminham juntos!

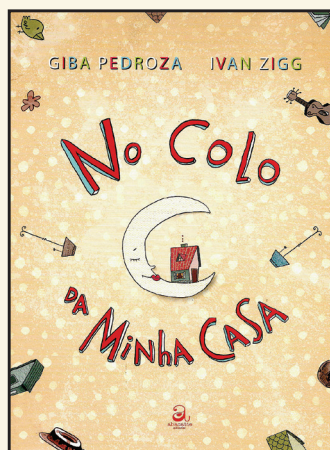
Delivery – (Baião) – Um texto e três ilustradores. Tino Freitas escreveu e Gustavo Nascimento, Natália Gregorini e Odilon Moraes ilustraram. Talvez o título “mensageiros” chegasse a lugares mais distantes e com um toque romântico, onde o “delivery” ainda é difícil. Mas, a criatividade dos ilustradores transforma cada frase em situações diversas, carregadas de emoção. Existe uma palavra que permeia todas as ações na relação pais e filhos: amor!



Abecedário Poético da Floresta – (Melhoramentos) – Texto de Tiago Hakiy e ilustrações de Graça Lima. “Um passeio poético por paisagens, aromas, delícias e vivências de povos indígenas.” Muitas histórias, palavras novas e lindas ilustrações que nos transportam com delicadeza para a realidade mágica do Amazonas.



O Rei do Circo – (Escrita Fina) – Com a orientação do querido Sérgio França, as editoras Zit e Escrita Fina caminham para novas edições cuidadosas e carregadas de afeto. As reedições das obras infantis do professor Arnaldo Niskier são um testemunho dessa nova caminhada. *O Rei do Circo*, divertidamente ilustrado por Cláudio Duarte, nos remete às tardes circenses onde os palhaços fazem a festa da garotada. *Lito* é um ajudante dedicado e a foca é a sua maior amiga. O desejo do menino de ser palhaço acaba acontecendo por uma grande trapalhada. Moral da história: nunca desista dos seus sonhos, eles podem se realizar quando menos você espera!



No Colo da Minha Casa – (Abacatte) – Texto de Giba Pedroza e ilustrações de Ivan Zigg. Quantas vezes, no meio de uma viagem, sentimos falta de casa? As casas podem ser diferentes, mas Sylvia Orthof já dizia em *As casas que fugiram de casa* (Record) que elas têm sentimentos. É isso que Giba Pedroza nos mostra, casas estranhas, famílias e moradores diferentes, muito bem apresentadas pelo humor de Ivan Zigg. Mas não importa, mesmo diferentes, é para lá que queremos voltar, sempre!

BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL

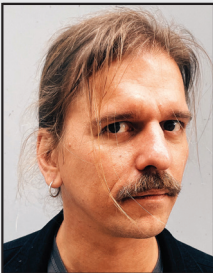


CARLA MADEIRA

(Belo Horizonte, 18 de outubro de 1964) Escritora brasileira conhecida pelas obras *Tudo é Rio*, *A Natureza da Mordida* e *Véspera*. Também é jornalista e publicitária. Nasceu em 1964 em Belo Horizonte.

Começou o curso de Matemática na Universidade Federal de Minas Gerais sem concluir e graduou-se em jornalismo e publicidade na mesma instituição, onde também foi professora de redação publicitária. Tem pós-graduação em marketing. É sócia e diretora de criação da agência de comunicação Lápiz Raro. Sua primeira obra publicada foi o romance *Tudo é Rio*, lançado em 2014, que é resultado de um texto iniciado quatorze anos antes, a cena de um pai lançando um bebê contra a parede. O livro conta a história do triângulo amoroso entre uma mulher, um homem e uma prostituta. Foi a segunda escritora mais lida do Brasil em 2021, atrás de Itamar Vieira Junior. Escreve principalmente explorando gêneros literários com uma prosa envolvente e temas fortes como afetos, violência doméstica, solidão e as complexidades das relações humanas, marcada por um estilo poético, direto e com toques de fábula, que a consolidou como um dos maiores nomes da literatura brasileira atual. Prêmios: *Tudo é Rio* ganhou o Prêmio Bertrand em 2024 como livro do ano. Obras: Romances – 2014 – *Tudo é Rio* (Quixote+Do); relançado em 2021 pela Editora Record; 2018 – *A Natureza da Mordida* (Editora Record); 2021 – *Véspera* (Editora Record). Sua obra *Véspera* também se tornou obra audiovisual, sendo filmada pela Max.

acervo JL



MARCELO LABES

(Blumenau, 9 de setembro de 1984) Poeta e escritor brasileiro. Frequentou uma escola pública de artes, vindo a estudar também na Escola de Música do Teatro Carlos Gomes. Passou a estudar o

ensino médio em um internato no Rio Grande do Sul, período em que acabou mergulhando na leitura de Kafka, Sartre, Saramago, Camus e García Márquez. No ano 2000, Labes escreveu *Dois Amores*, poema publicado pelo jornal *Zero Hora*. No ano de 2008, publicou seu primeiro livro por nome *Falações*, publicado pela *Edifurb*. Publicou o livro *Porque Sim Não é Resposta* no ano de 2015, e em 2016 publicou o conto *O Filho da Empregada*. No mesmo ano, publicou o livro *Trapaça* pela Oito e Meio. O livro de poesia *Enclave*, publicado pela editora Patuá, veio logo em 2018, obra finalista do Prêmio Jabuti em 2019 na categoria Poesia. Ainda em 2018, escreveu e publicou *O Poeta Periférico*. Em 2019, lança o romance *Paraíso-Paraguay*, publicado pela editora Caiaponte. A obra rendeu ao escritor o segundo lugar no Prêmio Machado de Assis em 2019 e foi vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura em 2020. *Três porcos*, seu segundo romance, foi vencedor do Prêmio Machado de Assis da Fundação Biblioteca Nacional em 2021. Em 2021, publicou a novela *Amor de Bicho* e o livro de poemas *O Nome de Meu Pai*. Em 2023, publicou o romance *Deus não Dirige o Destino dos Povos*. Em 2025, publicou o romance *Memória do Chão*, seu primeiro livro pela Companhia das Letras.

acervo JL



ARNON YASHA YVES GRUNBERG

(22 de fevereiro de 1971) Escritor holandês de romances, ensaios e colunas, além de jornalista. Suas obras foram traduzidas para dezenas de idiomas. Em

2022, recebeu o prêmio *PC Hooftprijs*, na Holanda, pelo conjunto de sua obra. Seus romances mais aclamados são *Blauwe Maandagen* (1994) e *Tirza* (2004). Nasceu em uma família judaica, de origem alemã. Sua mãe, sobreviveu ao campo de concentração Auschwitz e seu pai passou por diversos esconderijos durante a ocupação da Holanda. Aos 23 anos, publicou seu primeiro romance, *Blauwe Maandagen*, pela editora Nijgh & Van Ditmar. O livro foi condecorado com o Prêmio Anton Wachter de melhor romance de estreia. Em 2000, foi o primeiro escritor a ganhar pela segunda vez um prêmio de estreia, mas sob o heterônimo Marek van der Jagt, pelo romance *De geschiedenis van mijn kaalheid*. O romance *Tirza* (2004) foi seu primeiro livro a ser adaptado em filme, em 2010. Em 2009, Grunberg ganhou o Prêmio Constantijn Huygens pelo conjunto de suas obras, e em 2011 recebeu o prêmio Frans Kellendonk-prijs. Suas obras também foram publicadas em Portugal, Hungria, Israel, Turquia e Brasil. Além de romances, também escreveu colunas em jornais e revistas, além de ensaios, poesias, argumentos e peças de teatro. Também é conhecido por seu jornalismo literário e períodos de imersão completa em diversos aspectos da sociedade. Atualmente ele mora em Nova York.

O esvaziamento das palavras

Por Gabriel Chalita*

Acordei pensando em quem inventou a palavra “amor”. No que sentiu. No que mudou nele o sentimento sentido. Em alguma vitória, talvez. O amor é a vitória sobre o egoísmo. As vitórias são simbólicas no existir humano. A mais simbólica delas é a vitória sobre nós mesmos.

A palavra “amor” vem sendo esvaziada. Dizer “eu te amo” virou quase uma saudação. Ou um desencargo. Ou um fechar as portas. Não poucas vezes, quando não queremos mais, soltamos um “eu te amo, mas preciso ir”.

O amor não vai. Fica. Fica, mesmo quando vai viver outro lugar. Fica no sentir. Fica no se comprometer. O egoísmo vai. Vai aonde há mais tesouros. Aonde há mais glórias. Aonde há mais espetáculos. O amor prefere os silêncios onde há o pensar.

“Pensar” é outra palavra esvaziada. Quando eu digo “pensei muito”, talvez tenha pensado nada. Quando eu insisto “pense eu pouco mais”, eu quero que o outro, ao pensar, possa chegar ao mesmo lugar em que estou. E quem garante que o lugar certo é o onde estou?

O amor amizade também anda nas andanças do vazio. O amigo se tornou um degrau para o meu egoísmo. Agrado a quem preciso. A quem é útil. A quem alimenta, de alguma maneira, o meu egoísmo. A beleza da amizade está na inutilidade. Ergo uma tenda de amor para que eu possa ter mais espaços de aconchego para receber meu amigo. Abro as comportas de mim para o outro estar. E ocupo espaço no sagrado do outro. Sem querer coisas. Sem esperar benefícios, que não o do braço que abraça e das mãos que se dão para poetizar a vida juntos.

“Fraternidade” é palavra que expressa esses sentimentos. De amigos e de humanidade. Deus, ao inventar o humano, o inventou carente de humanidade. Ninguém é, sozinho. É no outro que moram as minhas aprendizagens, das mais simples às mais complexas. Ando por terem me ensinado a andar. Alimento a mim e aos outros por ter aprendido. Falo palavras por alguém ter falado palavras, quando palavras em mim careciam de ter significado.

Fico pensando que quem inventou a palavra “amor” pode ter sido uma mãe. Que, tendo nos braços um ser tão frágil, tão desprovido de condições de prosseguir vivendo sem cuidados, entendeu o cuidar.

Quando amamos, damos condições ao outro de ser ele mesmo. Um filho nasce de uma mãe, mas não é a mãe. Ele se nutre dela e, depois, nutre o mundo da sua presença amorosa. Os amigos não são um, embora assim se pareçam na tal tenda das inutilidades. Quando se olham, quando se escutam, quando se ocupam de não desejar nada além de estar. Estão. Cada um do seu jeito. Porque não há jeito igual de estar no mundo. E cada um compreendendo que o jeito de estar vai mudando com as mãos dadas e com os abraços.

Quem será que inventou a palavra “egoísmo”? Palavra tão cheia de significados. Vida tão vazia de sentidos. O egoísmo é mais ausência que presença. No mistério de Deus, é o amor que nos faz permanecer. Que nos faz irmos além dos desejos de sobreviver e procriar, comum aos outros animais. Aos humanos foi entregue o pensar. E o compreender o simbólico. E o colaborar com a continuidade da criação. Os animais são o que são. Os humanos são construtores de mudança. Cultuamos o belo da natureza e construímos o belo da cultura humana. Olhamos para trás e celebramos, não os egoístas, mas o que deixaram um rastro de amor na humanidade.

Os egoístas não fazem mal apenas ao mundo, mas a si mesmos. Ninguém abraça a si próprio. Vejam a triste sina dos interesseiros. Ávidos de alguma migalha, se perdem na busca do que nunca encontrarão, porque são insaciáveis. O encontro mais bonito da humanidade mora no sentimento.

Acordei pensando em quem inventou a palavra “amor”. E só de pensar resolvi encontrar em mim razões para não deixar de acordar. Hoje ainda quero encontrar amigos e dizer amor. Quero pensar nos alimentos de tantos que me trouxeram até aqui. E agradecer no quanto pude alimentar.

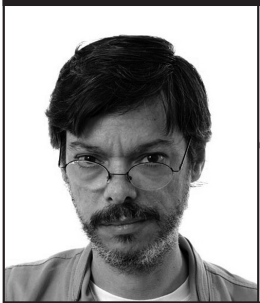
Quero prosseguir lutando a luta digna contra o esvaziamento das palavras e das relações humanas. Quero permitir, a mim mesmo, a lembrança de que a morte é ensinadora da vida. Tão ensinadora que me autorizo a deixar morrer o que faz morrer em mim a vida.

Dou às coisas o nome de coisas. E às pessoas a possibilidade de construírem comigo um caminhar bonito até onde tivermos pernas, até quando pudermos acordar...

Um dia acordaremos no bonito do mistério, onde o amor será simplesmente amor. “Mas, como será”? Perguntaremos. Se é mistério não há como saber. Então, é sentir. E viver cada amanhecer amanhecendo, também.

Só quem amanhece sente a vitória da palavra “amor”.

*Gabriel Chalita é membro da Academia Paulista de Letras.



Por Zé Roberto



zerobertograuna@gmail.com

QUANDO O HUMOR PERDE A GRAÇA

No dia 4 de janeiro de 1988, o humor gráfico brasileiro ficou marcado pela morte prematura do cartunista Henfil, que nos deixou 1 mês antes de completar 44 anos. Vítima do HIV, adquirido por transfusão de sangue, Henfil faleceu na Clínica São Vicente, Rio de Janeiro, sendo sepultado no Cemitério São João Baptista, em Botafogo, no dia seguinte. No início de 2026, como habitualmente acontece em datas semelhantes, cartunistas e admiradores preparavam postagens para as redes sociais para lembrar os 38 anos de ausência do genial cartunista mineiro, quando foram apanhados de surpresa pelas mortes de dois dos maiores caricaturistas da atualidade, que faleceram exatamente no mesmo dia: Claudio Duarte e Nei Lima. Os dois artistas, infelizmente, entraram para uma lista de mais de 50 nomes de desenhistas, ilustradores, cartunistas e caricaturistas que, nos últimos anos, faleceram de velhice ou, como nos casos de Cláudio e Nei, prematuramente, por complicações de saúde. Da crise da pandemia para cá, artistas talentosos como Mariano, Adolar, Ota, Nani, Luscar, Aliedo, Ykenga, Ziraldo, Jaguar, Veríssimo e mais uma trupe de dezenas de cartunistas foram, quase em fila, nos deixando sem despedidas. Conforme diria o saudoso cartunista Adail – que era um espírito convicto (coincidentemente falecido em 2014, no dia 5 de fevereiro, data de nascimento de Henfil): “Foram ao encontro dos amigos, desenhar na eternidade!”

A morte, obviamente, atinge a todos os setores culturais, não é exclusividade dos desenhistas, mas confesso que, apesar de já ter ultrapassado os 63 anos, eu ainda não lido bem com perdas de colegas de traço. Especialmente no caso do Nei Lima, que era meu melhor amigo nesse malfadado meio artístico, vê-lo partir sem que sua arte verdadeiramente tenha sido reconhecida como a de um grande mestre do desenho, é mais do que doloroso. Ao rever suas artes, é quase inacreditável que ele nunca tenha sido convidado para conceder uma entrevista para um programa de televisão ou que uma de suas espetaculares caricaturas nunca tenha estampado a capa ou as páginas de alguma revista semanal de circulação nacional. Nei Lima nasceu como um artista de primeira grandeza, mas viveu uma trajetória de um cartunista alternativo. Claudio Duarte teve, digamos, mais sorte, recebeu prêmios internacionais importantes e atuou com destaque na chamada “Grande Imprensa”, mas ainda assim, poderíamos esperar dessa dita gigantesca mídia um melhor tratamento aos nossos desenhistas ou maior valorização às artes por parte de um mercado que está cada vez menor, como se diz na gíria, respirando por aparelhos e, pior, atualmente sendo contaminado com a modinha do momento, a tal inteligência artificial, absurdamente defendida até por alguns desenhistas como uma “ferramenta da modernidade”.

Vivenciando essa realidade há décadas, quando vi artistas brilhantes como Vilmar Rodrigues, Aylton Thomaz e Marguerita se despedindo em total anonimato, não consigo deixar de citar os versos de Rian, a Nair de Teffé, nossa Primeira Dama da Caricatura que, sem perder seu mordaz humor, registrou: “Se vens chorar com fingimento, junto à minha sepultura, do meu esquife bolorento, faço a tua caricatura” (Versos de Rian em entrevista concedida à Lilian Newlands, Revista Domingo, do *Jornal do Brasil*, em 11/09/1977).



CLAUDIO DUARTE

Nascido no dia 31 de janeiro de 1959, Claudio Duarte começou sua vitoriosa trajetória em 1984, quando publicou charges e ilustrações para o jornal *Tribuna de Petrópolis*. A qualidade de suas artes chamou a atenção do jornalista Carlos Heitor Cony que, em 1985, o convidou a trabalhar na Bloch Editores, quando atuou nas revistas semanais *Manchete* e *Fatos*.

Numa surpreendente caminhada de sucesso, logo em 1986, foi contratado pelo jornal *O Globo*, pelo qual tornou-se um dos maiores caricaturistas de sua geração, fazendo parte de uma equipe de artistas que fizeram História no jornal carioca. Ao lado de Marcelo Monteiro e Chico Caruso, Claudio marcou, próximo a desenhistas como Cida Calu, Cruz, Paulo Cavalcante e André Mello, uma das fases mais criativas do diário comandado por Roberto Marinho.

Numa época em que atuar na imprensa era obrigatoriamente presencial nas redações dos diários, Claudio tomou a decisão de transferir sua residência para outro Estado e mudou-se para Florianópolis, tornando-se possivelmente no primeiro profissional que se tem notícia a atuar no sistema home office ou, como preferirem, com trabalho remoto.



A senadora Damares
Alves por Claudio
Duarte.

Em 2014, quando já não atuava mais no jornal *O Globo*, Claudio Duarte passou a colaborar com o site #Colabora (projeto colabora.com.br/), ilustrando as chamadas do portal e seus boletins informativos. Em Santa Catarina, realizou duas exposições com temática musical, “As Cores do Rock” – com caricaturas de músicos do gênero, em junho de 2017, quando exibiu 10 obras retratando as faces de Alice Cooper, Eric Clapton, Janis Joplin, Elton John, David Bowie, Keith Richards, Jimmy Hendrix, Amy Winehouse e Mick Jagger; e em julho de 2021, “Música de Preto”, uma homenagem aos músicos negros e à Mãe África, mostra inspirada na letra de Djavan, “Linha do Equador” que diz: “Gosto de filha/ música de preto/ gosto tanto dela assim”, com belas artes contrastando o preto e branco em seus ótimos desenhos. As duas exposições aconteceram no Shopping Iguatemi, em Santa Mônica, Florianópolis.

Sete vezes premiado pela *Society for News Design* (SND), Claudio Duarte também foi agraciado com o Prêmio Esso na categoria de artes visuais, em 2001. Em 2020, coincidentemente quando atuei no júri de seleção, no 47º Salão Internacional de Humor de Piracicaba, o desenhista foi o vencedor na categoria caricatura com uma espetacular visão humorística da ministra bolsonarista e atual senadora Damare Alves.

Claudio Duarte faleceu em casa, ao lado da namorada, a pianista Patrícia Bolsoni e de seu filho Francisco, o Chico Duarte, cujo nome de batismo foi uma homenagem a São Francisco de Assis, de quem Claudio era devoto.



NEI LIMA

Caricaturista, ilustrador, cartunista e fotógrafo, nascido no bairro do Caxambi, próximo ao Méier, no Rio de Janeiro, no dia 14 de setembro de 1954, Sidnei Lima iniciou nas artes a partir dos anos 1980, quando matriculou-se nos cursos de desenho do Senac, da Marechal Floriano, no Centro do Rio, ao frequentar as aulas do professor e cartunista Jorge Guidacci. Na mesma década, seu primeiro emprego como artista gráfico foi na Bloch Editores, inicialmente como arte-finalista em anúncios, mas com seu jeito irrequeto, conseguiu ser transferido para a revista *Manchete*, para finalizar as páginas do famoso magazine semanal. Na época fazia

de tudo um pouco e chegou a publicar alguns cartuns eróticos na revista *Ele & Ela*, e histórias em quadrinhos no gibi dos Trapalhões, usando o pseudônimo “Lima”. Depois, montou a agência Artes e Artistas, em sociedade com Renato Martins, o Renats, seu parceiro mais frequente. Juntos foram agraciados no 5º Salão Carioca de Humor, da Casa de Cultura Laura Alvim, em 1992, quando Nei ganhou Menção Honrosa com uma caricatura de Chico Mendes, e Renats foi premiado na categoria Charge.

Lecionou durante 10 anos no Senac, na escola de Niterói, primeiro como professor de artes, na área de desenho de propaganda e serigrafia, e depois como Assistente Técnico, na sede da instituição, em Copacabana. Em 2001, foi trabalhar no mercado editorial evangélico com o animador Wilson Pinto que, na época, estava desenvolvendo o projeto infantil Turminha da Graça, da Graça Editorial, do Missionário R. R. Soares. Ficou pouco mais de 2 anos na editora, mas deixou sua marca principalmente nas belas colorizações que fazia para as capas da revista. Lecionou também na Faculdade Pestalozzi, de Niterói, no curso de Artes Visuais, nas cadeiras de Desenho de Humor e Desenho Geométrico em Perspectiva, durante 7 anos. Por cerca de 10 anos, colaborou para a Ediouro, com criação de passatempos, ilustrações e caricaturas. Em agosto de 2010, Nei Lima recebeu a atenção do também caricaturista André Hippertt que, na época, comandava as ações no setor de artes da empresa responsável pelo jornal *O Dia*. Naquele ano, estavam planejando o lançamento do jornal esportivo *Marca Campeão*, que cobriria a lacuna deixada pelo extinto *Jornal dos Sports*. Hippertt viu as caricaturas de Nei Lima na internet e resolveu lançar o artista na grande imprensa. O informativo esportivo não permaneceu no mercado por muito tempo, mas mesmo assim Nei foi mantido na empresa, e continuou desenhando com destaque para os jornais *O Dia* e *Meia-Hora*.

Inquieto, Nei Lima era, como ele mesmo dizia, “viciado em desenhar” e, mesmo durante seus dias mais críticos, devido ao tratamento do câncer que combatia há alguns anos, produzia muitas caricaturas que ele postava nas redes sociais quase que diariamente. O talentoso artista faleceu em casa, durante a madrugada, sendo sepultado no cemitério de Irajá, no dia 6 de janeiro.

Saúde e Arte!



Zico numa caricatura inédita de Nei Lima.

Autor inédito: 3 livros e 122.556 palavras sem gerúndio

Por José Renato de Miranda

Escrevo sem a figura do gerúndio. Meus dois primeiros livros e o atual, *Egoísmo Saudável: Atitude para você se reconduzir diante dos impactos da tecnologia*, 3ª edição, escritos sem gerúndio num total de 122.556 palavras. Mas que história é esta? Em algum lugar do passado na faculdade de jornalismo, o professor de Técnicas de Redação, Nilson Lage, ensinava as normas para se chegar a um leve texto de reportagem. Orientava sobre a importância de parágrafos curtos, de se cortar prolongamentos na narrativa dos fatos, e aí sugeriu: – É aconselhável evitar o gerúndio. Fiz da sugestão uma obrigação. Passei a exercitar os cortes até não mais usar o gerúndio, ou seja, a forma invariável da flexão verbal, resultante da mudança do *r* final do infinitivo em *ndo*: cantando, sofrendo, sentindo, e que corresponde a um adjunto adverbial; às vezes aparece regido da preposição em (Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa).

Da faculdade em diante, este hábito virou curioso vício. É impossível mensurar o volume de textos que redigi como jornalista, professor universitário, atualmente, como consultor empresarial. Todas as linhas, inclusive particulares, sem gerúndio.

Dentro do banheiro na minha casa, de brincadeira, tem uma placa: “Sorria!!! Aqui também você é filmado”, e não, “Sorria!!! Você está sendo filmado”, conforme a frase-padrão sobre a presença de câmeras que consideram todos suspeitos...

Este vício teria a simpatia do escritor Graciliano Ramos, que jogava tinta no gerúndio sem pena: “Ele torna o texto impreciso e pastoso.” Vira hoje referência para os adversários do hábito de se exceder nesta forma verbal, para aqueles que colocaram em circulação na internet o Manifesto Contra o Gerundismo.

Ouvir das atendentes de 0800 frases como “uma vez comprando o senhor vai estar recebendo o produto...”, causa arrepios em quem briga contra o vale-tudo na língua portuguesa. Não há dúvida, quanto menos gerúndio se usa maior clareza e objetividade se consegue no conteúdo.

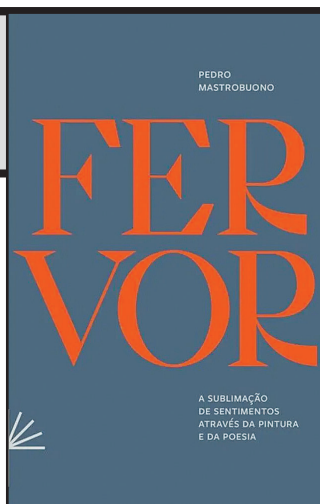
Sorratário que só ele... gerúndio traz a tendência para a ampliação da narrativa e, por consequência, pode embarçar as ideias. Se a pessoa procura evitá-lo, melhor será a precisão texto e fato. Destacados escritores e jornalistas são fortes aliados no combate ao gerúndio para que possam levar aos leitores acontecimentos e opiniões de forma nítida, sem espichar em demasia os parágrafos.

Importante: na guerra antigerundismo é necessário dar significativo desconto para o meio religioso. Transmitir esperança e falar da ação pelo próximo, exigem a presença do gerúndio: “Indo por este caminho, você chegará lá!”; “Estaremos fazendo vigília pelos menos afortunados”; “Rezando encontraremos Deus”. São inevitáveis sermões pincelados do início ao fim com verbos no gerúndio para se descrever a salvação em andamento. Igualmente, advogados com longos parágrafos para ataque ou defesa. Ah! Além da ausência do gerúndio, os livros tem destaque no mercado: *Egoísmo Saudável* agora terá versão em inglês. Estão na Amazon e site www.consultoriadeimpacto.com.br

Livro *Fervor*

Em *Fervor* (Ed. Pinrd), o presidente da Fundação Memorial da América Latina, Pedro Mastrobuono, deixa fluir com tranquilidade seu voar entre as palavras.

O livro traz cinco poemas do autor escritos à luz de pinturas realizadas por Lasar Segall que se aproximam da cultura judaica. Junto aos versos estão análises de cada um dos textos, todas realizadas pela poeta, ensaísta e crítica literária Ana Maria Bernardelli.



Poema *Jaula sacudida* – Pedro Machado Mastrobuono

Na antiga jaula, lado a lado, fera e domador.
 Grades velhas, contorcidas, mas que ainda confinam.
 Décadas de convívio imposto, reduzem confronto a mero
 Olhar de censura. Convívio mais silencioso. Ex-fera, exausto
 Domador.
 Não obstante, nas altas madrugadas, ainda se ouve o ranger
 Das grades sacudidas. Desejo de escapar. Sem gritos, porém.
 Um anjo notívago testemunha o fenômeno. Perplexo, ante
 O fato de quem sacode as grades. A fera repousando, assiste
 Impávida.
 Certo livro nas mãos. Corpo velho se sacode, ainda confina.
 Instintos, já quase indiferentes, assistem o debater da alma
 pressentindo a presença angelical.

Análise – Ana Maria Bernardelli

Quando o poeta se propõe a criar, ele faz escolhas, infinitas. Sua liberdade para tal é vertiginosa. Às ideias são vedadas restrições. Nesses momentos, ele se fecha com as palavras: modifica-as, adiciona elementos, reduz versos até o instante em que o poema deva ser o que deve ser. Pedro Mastrobuono, para criar “Jaula Sacudida”, mergulhou em seus mais profundos estágios da imaginação e aí esbanjou seu

tempo, sua sensibilidade, sua experiência, suas emoções e gestou o intrigante poema em que atemporalidade e universalidade encantam e ao mesmo tempo expõe a grandeza do poema.

“Jaula Sacudida” é um poema que descreve a relação figurativa entre uma fera e um domador em uma antiga jaula. O poema evoca imagens de confinamento, limitação e passagem do tempo. A análise do poema revela uma atmosfera de resignação e questionamento sobre a liberdade.

O primeiro verso do poema estabelece a dinâmica entre a fera e o domador, que compartilham o mesmo espaço na jaula. As grades velhas e contorcidas são símbolos da prisão física e metafórica que confina os dois personagens. O uso da expressão “ainda confinam” sugere que, mesmo com o passar do tempo, a jaula continua sendo espaço de restrição.

O segundo parágrafo, revela que a convivência forçada entre a fera e o domador ao longo das décadas transformou o confronto em um simples olhar de censura. A passagem do tempo diminuiu a intensidade do relacionamento, tornando-o mais silencioso. “Ex-fera exausto domador” sugere que ambos estão cansados e desgastados pelo tempo de convívio.

No entanto, nas “altas madrugadas”, ainda se ouve o ranger das grades sendo sacudidas. Esse desejo de escapar é descrito como um fenômeno noturno, indicando que mesmos cansados, os personagens ainda almejam a liberdade. A ausência de gritos nesse desejo de fuga indica a resignação silenciosa, como se a fera e o domador tivessem aceitado sua condição.

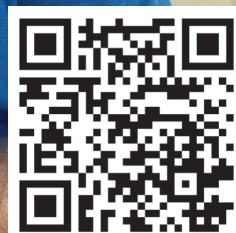
Um anjo notívago é apresentado como testemunha desse fenômeno. Sua perplexidade mostra que algo incomum está acontecendo, A fera, agora em repouso, observa impassível. A presença do livro nas mãos do domador anuncia que a busca pela liberdade se dá também no âmbito do conhecimento e do crescimento pessoal. O “corpo velho se sacode, ainda confina”, demonstrando uma luta interior em busca de liberdade mesmo diante das limitações físicas.

Os instintos da fera e do domador são descritos como “quase indiferentes”, indicando que o tempo e o confinamento os enfraqueceram. Porém, eles são capazes de perceber e pressentir a presença angelical, anunciando uma esperança ou anseio por algo além da jaula.

“Jaula Sacudida” retrata a dualidade entre a resignação e o desejo de liberdade. Os personagens estão confinados em uma jaula física e emocional, mas ainda há vestígios de uma ânsia por escapar. O poema evoca, pois, reflexões sobre as restrições impostas pela vida e sobre a busca pela liberdade mesmo em circunstâncias adversas.

Em todos os momentos da sua vida,
**o comércio de bens,
serviços e turismo está lá.**

#emtodososmomentos



A vida é feita de emoção. De sonhos e conquistas.
De planejamento e realização. E em todos os momentos, pode olhar:
O comércio de bens, serviços e turismo está sempre ao seu lado.
Trabalhamos para que esses setores sejam fortes e gerem emprego e renda.
Mas, principalmente, que eles façam a sua vida muito especial.

**CNC. Em todos os
momentos da sua vida.**

CNC · Federações · Sindicatos · Sesc · Senac
Sistema Comércio

Todos os nomes são fáceis de gritar

Por André di Bernardi*



Foto de Ozias Filho

A escritora Eltânia André nasceu em Cataguases (Minas Gerais, Brasil), atualmente mora em Portugal e acaba de lançar *Decomposição dos Pássaros*, pela editora Urutau. É dela também *Manhãs Adiadas* (contos, Dobra Editora, de 2012, finalista do prêmio Portugal Telecom); *Para Fugir dos Vivos* (romance, Editora Patuá, de 2015); *Diolindas* (romance, Editora Penalux, de 2016, escrito em parceria com Ronaldo Cagiano); *Terra Dividida* (romance, Editora Laranja Original, de 2020); *Diários dos Mundos* (romance, Editora Laranja Original, de 2022, escrito em parceria com Letícia Soares); e *Corpos Luminosos* (conto, Editora Urutau, de 2022).

Julio Cortázar disse que, se o romance ganha por pontos, o conto vence por nocaute, comparando o fazer literário ao boxe. É justamente este o caso dos contos de *Decomposição dos Pássaros*. Eltânia leva o conceito de Cortázar a sério e sua “luta” com as palavras mais parece um balé feito de fogo, urgência e verdade. Eltânia adiciona ao paradoxo, aos contrários, sentidos outros, da ordem – ou desordem – da poesia, que tudo isso gera e que Eltânia colhe. A escolha dos títulos dos dez contos do livro é primorosa: *Pluma e Osso*; *A Última Música: 2 minutos e 35 segundos*; *Márrio-Riomar: Um nome todo água*; *Céu na Boca*; *Evangelina Agustina: A Baba Vanga brasileira*, dentre outros.

Eltânia domina como poucos a esgrima, aquela luta de espadas na qual só existem vencedores. Esse que lê, a outra que escreve. Eltânia não brinca em serviço, ela encara o trágico que não respeita os personagens do livro, homens e mulheres mais que comuns. Cabem nos contos epifanias e até mesmo homenagens, como no conto *Subindo as Montanhas de Xisto da Bulgária* ou *Assassinando a Lógica com a Caneta de Campos de Carvalho*.

A boa literatura é forjada no corpo-a-corpo e desse conluio mais que promissor nasceu o belíssimo *Decomposição dos Pássaros*. Eltânia parece que escreve sem maquiagens, sem colares

e anéis nos dedos libertos e francos. Ela não adorna o texto, não diz a mais, não diz de menos.

O conto exige rapidez, a astúcia que dura o tempo da flecha atingindo o alvo, o tal nocaute de Cortázar. Eltânia, nos contos do seu livro, não deixa de esbarrar com parentescos nos contos de Lygia Fagundes Telles. Os contos do livro são feitos de observâncias, de elipses que mais revelam que escondem. Contudo, o estilo depurado de Eltânia não é feito de omissões, mas de revela-

ções da faceta trágica – mas poética – da vida, como se fosse possível existir um mesmo tudo feito de possíveis orquídeas. Nada escapa. Mesmo o trágico. A literatura mais solta que prende, daí sua inutilidade – essencial. Passam os pássaros, fica o risco do voo.

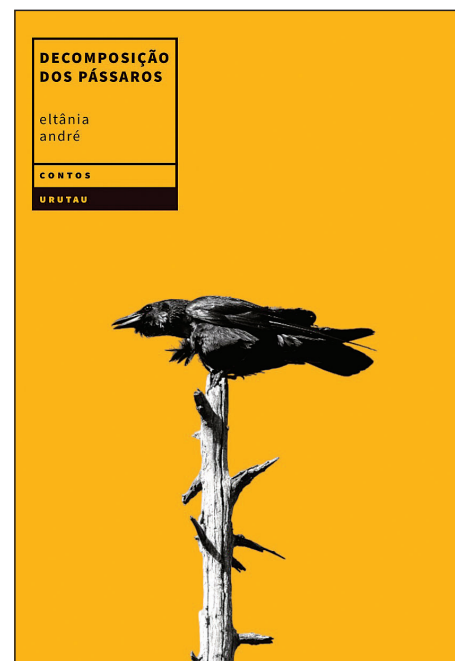
Não existe sincronia entre intenção e gesto no estilo de Eltânia. Assim são pintados os mais bonitos quadros. Vide Modigliani. O romance olha a vista, o mar amplo, o céu azul; o conto é olho no olho. Os contos prezam o trágico. Contudo, como disse Antonio Gamoneda, “amei todas as perdas”, que abre o conto *Construção*.

Eltânia escreve, “peleja com o

indefectível”, a saber, a vida. A vida em si. A Vida em sim e não. Os personagens do livro são fortes e fracos, com nomes “fáceis de gritar”, como Josué, do conto que dá nome ao livro. Os contos do livro de Eltânia incomodam. Eles inauguram silêncios dentro de nós a cada término da leitura dos textos. Eltânia nos faz compreender o outro, e isso não é pouco não.

Eltânia seca ao sol do real as palavras e rega a seu modo os contos do seu livro. É preciso prumo e apuro para ler *Decomposição dos Pássaros*. Apesar do trágico, Eltânia percebeu que “patos são ótimos nadadores e mergulham na fundura das águas com graça e leveza”.

*André di Bernardi é jornalista, nasceu em Belo Horizonte (Minas Gerais, Brasil) e lançou sete livros de poesia.



Jacarés

Por Raquel Naveira*

Um grande quadro tomou conta da parede de minha sala: é o “Acasalamento ao Luar”, do artista plástico Jonir Figueiredo (1951-2025). Assim descrevi essa cena num poema:

*Os jacarés se encontram,
Os olhos dourados fulgem
Dentro de verde de suas peles,
Do capim duro e selvagem.
Mais tarde, num ninho de folhas quentes,
Estarão os ovos, ásperos e claros,
De onde novos jacarés sairão
Em busca do rio e do luar.*

Macho, fêmea, lua, capim, água, peles... o palco do Pantanal. O jacaré é mesmo símbolo dessa imensa planície alagada, que tem a maior população de jacarés do mundo. São milhares. Fervilham às margens das lagoas e baías. Na seca se concentram em pequenas poças d'água. Sobrevivem também às cheias. Aos desafios extremos. São a memória da Terra primitiva. Guardam o mistério dos mananciais. Com seus instintos anfíbios transitam entre mundos, sustentam e equilibram o ambiente.

Da janela do trem, a caminho de Corumbá, eu os observava: quase invisíveis, parados, semelhantes a troncos de árvores boiando. De repente, astutos e prudentes, caminhavam em direção à presa: peixes, aves, cara-

mujos. As enormes mandíbulas abertas, varrendo a lama. Aqui e ali, pedaços de seus rabos e peles se esparramavam, pois sempre se regeneram. São animais encantados, que mexem com nossos medos ocultos.

Foi Jonir que pintou esse quadro mágico. Amigo de tantas décadas, companheiro de ativismos culturais. Entrava sem avisar em nossa casa, para um café ou um mate gelado. Com seus olhos verdes, sua fala mansa de pantaneiro. E quanta história tinha esse desenhista livre: cofundador do Movimento Cultural Guaicuru que exaltava a identidade indígena de Mato Grosso do Sul. Expôs seus trabalhos em países como Japão, União Soviética, Europa e até na ONU, em Nova York.

Teve uma fase, nos anos 1980, em que pintou jacarés e carapaças de couro, evidenciando sua preocupação ecológica. Denúncia da intensa exploração na região. O jacaré aparecia como totem, como figura real e

mítica, ameaçado e ameaçador, caçado e caçador. Jonir tornou o jacaré um personagem do imaginário coletivo, um ícone da paisagem, um grito plástico, mercadoria de sangue.

Foi nessa época que adquirimos esse quadro. Para nós ele é erótico, representativo de um casamento de seres ancestrais, criativos e equivalentes. Jacarés sorvendo goles de luar no seu habitat natural. Brutos brinquedos.

Jonir faleceu repentinamente numa madrugada fria de julho, enquanto participava da abertura de um Festival de Cinema em Bonito. Naquela solenidade estava elegante, vestindo uma camisa de oncinha. Desfilou fagueiro pelo tapete vermelho. Foi sua hora de estrela. Depois, bebeu um licor de guavira oferecido por seu anfitrião, deitou um olhar de crocodilo sobre a noite escura e dormiu para sempre. Jacaré imóvel na barranca do rio.

Na parede de minha sala, admiramos uma de suas marcas visuais mais reconhecidas. Fertilidade e força dominam nossas vidas.

*Raquel Naveira é membro da Academia Matogrossense de Letras.



**Toda teoria
tem um Lado
PRático.
ESTÁGIO**
o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

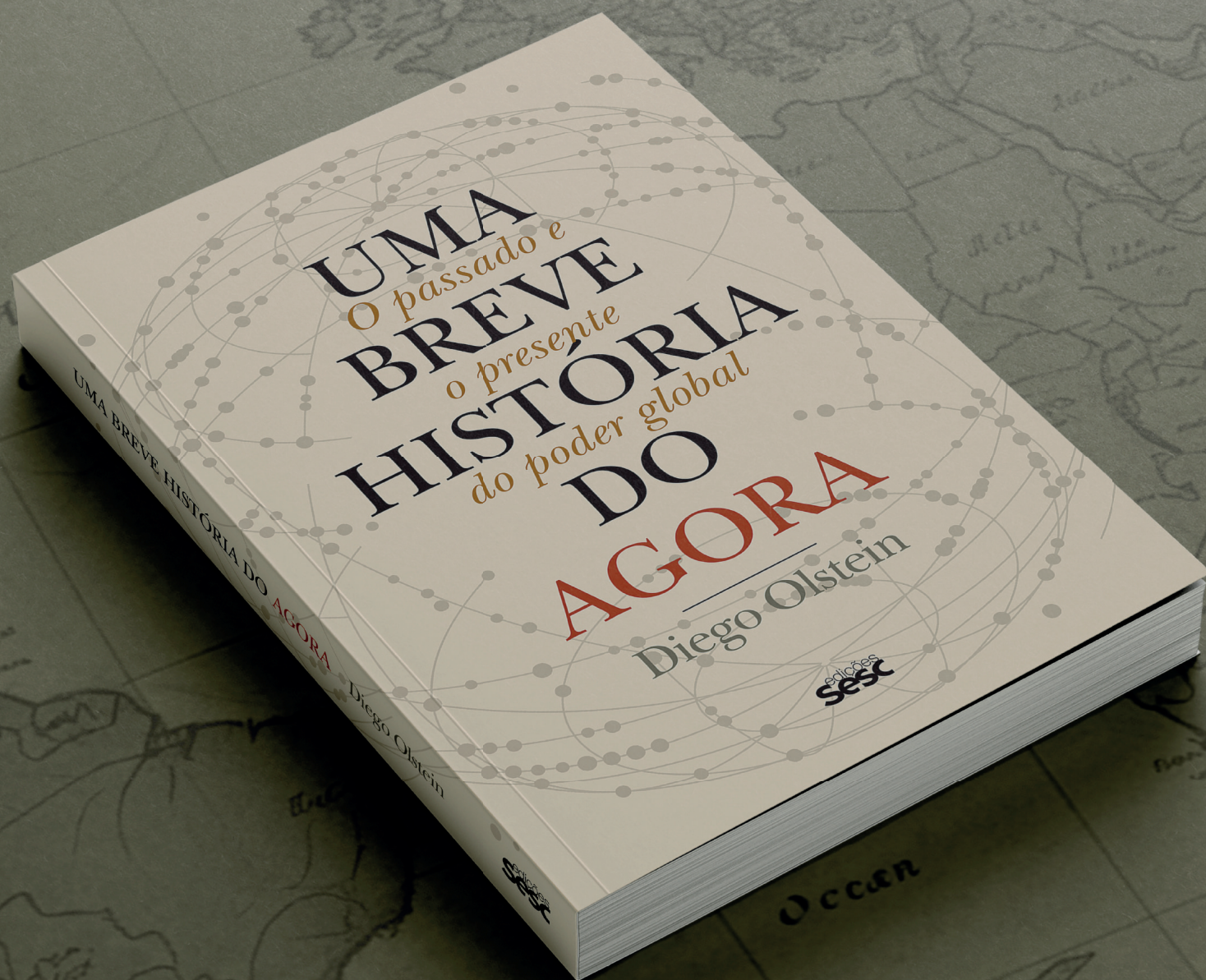
FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site **www.ciee.org.br**





A história do nosso tempo

Neste livro, o historiador Diego Olstein reconstrói os últimos 170 anos para mostrar como tecnologia, globalização, hegemonias políticas e regimes de poder se entrelaçaram na formação do mundo contemporâneo. Escrito em um estilo estimulante, a obra oferece uma leitura clara e abrangente das forças que moldaram — e continuam moldando — o nosso tempo.

saiba mais



edições
Sesc

  /edicoessescsp

sescsp.org.br/edicoes